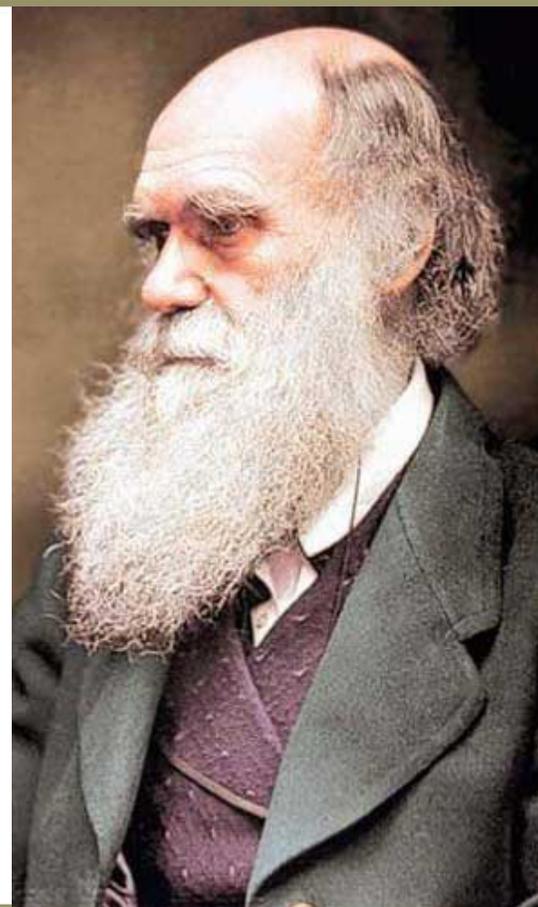


Evolução e Fé. Ecos de Darwin



Eva Jablonka

Epigenética e teoria da evolução

Daniel Dennett

Deus foi criado à nossa semelhança

John Haught

A nossa compreensão de Deus não pode ser a mesma depois de Darwin

E mais:

>> **Jean-Yves Calvez:**
A encíclica de um Papa que
confia na sociedade civil

>> **Plínio de Arruda Sampaio:**
Caritas in veritate: mais do
mesmo?

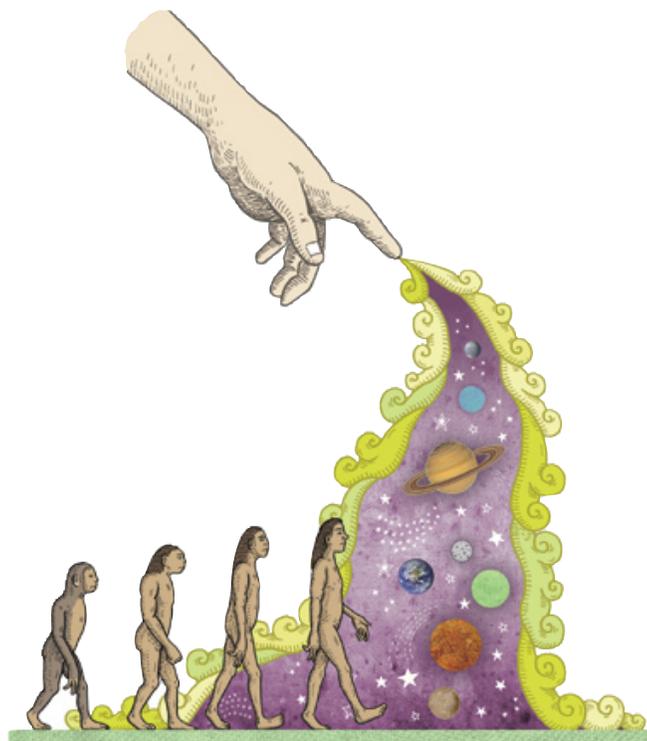
300

Ano IX

13.07.2009

ISSN 1981-8469

Evolução e Fé. Ecos de Darwin



O legado do cientista britânico **Charles Darwin** (1809-1882) e sua obra *A origem das espécies*, lançada há 150 anos, é o tema da edição número 300 da **IHU On-Line**. A presente edição é um subsídio para as discussões do **IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em parceria com o PPG em Filosofia da Unisinos, de 9 a 12 de setembro de 2009, no câmpus da Unisinos.

John F. Haught, filósofo norte-americano, criador do conceito de teologia evolucionista, sustenta que as teorias da evolução e da criação divina se complementam, e que vivemos em um universo “emergente”, em constante criação. Para ele, o confronto entre fé e ciência é salutar.

O filósofo norte-americano **Daniel Dennett** acentua que não fomos criados à semelhança de Deus, e sim que Ele foi criado à nossa semelhança. Darwin destronou-nos de nosso antropocentrismo, provoca.

Massimo Pigliucci, geneticista e biólogo italiano, pondera que ciência não é sinônimo de ateísmo, e que a teoria da evolução teve o mesmo impacto que a revolução copernicana. A compatibilidade entre epigenética e teoria da evolução é o tema da geneticista **Eva Jablonka**. Segundo ela, a herança comportamental na evolução se apresenta de várias maneiras, sobretudo por meio de tradições, e os mecanismos epigenéticos recém descobertos ampliam noções de hereditariedade, variação e evolução. O teólogo dominicano **Jean-Michel Maldamé** contribui com um artigo exclusivo, no qual aborda a compatibilidade entre ciência e espiritualidade.

O biólogo **Nélio Bizzo** (USP), que percorreu alguns dos trechos do caminho feito por Darwin a bordo do Beagle, menciona aspectos interessantes dessa viagem. Ele pontua, também, que houve uma trama ardilosa para desacreditar *A origem das espécies*.

Caritas in veritate é a encíclica publicada pelo Papa Bento XVI na última semana. **Luiz Alberto Gómez de Souza**, **Plínio de Arruda Sampaio** e **Jean-Yves-Calvez** comentam a primeira encíclica social do atual Pontífice. O jornalista **Carlos Vicente**, da ONG Grain, debate o impacto dos agrotóxicos.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Eva Jablonka: Epigenética e teoria da evolução. Suas compatibilidades

PÁGINA 08 | Massimo Pigliucci: “A ciência não significa, necessariamente, ateísmo”

PÁGINA 10 | Daniel Dennett: Não fomos criados à semelhança de Deus: Ele é que foi criado à nossa semelhança

PÁGINA 12 | John F. Haught: A nossa compreensão de Deus não pode ser a mesma depois de Darwin

PÁGINA 17 | Jean-Michel Maldamé: Ciência e espiritualidade

PÁGINA 21 | Nélío Bizzo: Nos passos de Darwin

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 26 | Dossiê especial *Caritas in veritate*

PÁGINA 26 | Jean-Yves-Calvez: A encíclica de um Papa que confia na sociedade civil

PÁGINA 28 | Luiz Alberto Gómez de Souza: A caridade na verdade: primeiras impressões

PÁGINA 30 | Plínio de Arruda Sampaio: Mais do mesmo?

» Terra Habitável

PÁGINA 32 | Carlos Vicente: Revolução verde: uma promessa fracassada

» Destaques On-Line

PÁGINA 35 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» IHU Repórter

PÁGINA 37 | João Batista Cichero Sieczkowski



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



Charles Darwin - uma biografia

Charles Robert Darwin (Shrewsbury, 12 de Fevereiro de 1809 – Downe, Kent, 19 de Abril de 1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia.

Darwin começou a se interessar por história natural na universidade enquanto era estudante de Medicina e, depois, Teologia. A sua viagem de cinco anos a bordo do *Beagle* e escritos posteriores trouxeram-lhe reconhecimento como geólogo e fama como escritor. Suas observações da natureza levaram-no ao estudo da diversificação das espécies e, em 1838, ao desenvolvimento da teoria da Seleção Natural. Consciente de que outros antes dele tinham sido severamente punidos por sugerir ideias como aquela, ele as confiou apenas a amigos próximos e continuou a sua pesquisa tentando antecipar possíveis objeções. Contudo, a informação de que **Alfred Russel Wallace** tinha desenvolvido uma ideia similar forçou a publicação conjunta das suas teorias em 1858.

Ancestral comum

Em seu livro de 1859, *A Origem das Espécies* (do original, em inglês, *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*), ele introduziu a ideia de evolução a partir de um ancestral comum, por meio de seleção natural.[1] Esta se tornou a explicação científica dominante para a diversidade de espécies na natureza. Ele ingressou na Royal Society e continuou a sua pesquisa, escrevendo uma série de livros sobre plantas e animais, incluindo a espécie humana, notavelmente *A descendência do Homem e Seleção em relação ao Sexo* (*The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, 1871) e *A Expressão da Emoção em Homens e Animais* (*The Expression of the Emotions in Man and Animals*, 1872).

Em reconhecimento à importância do seu trabalho, **Darwin** foi enterrado na Abadia de Westminster, próximo a **Charles Lyell**, **William Herschel** e **Isaac Newton**. Foi uma das cinco pessoas não ligadas à família real inglesa a ter um funeral de Estado no século XIX.

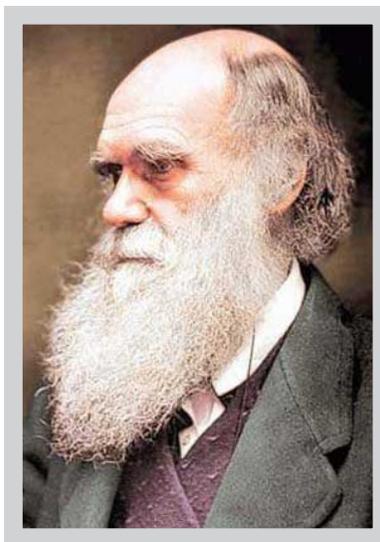
Legado

A teoria de **Darwin** de que a evolução ocorreu por meio de seleção natural mudou a forma de pensar em inúmeros campos de estudo da Biologia à Antropologia. Seu trabalho estabeleceu que a “evolução” havia ocorrido: não necessariamente por meio das seleções natural e sexual (isto, em particular, só foi comumente reconhecido após a redescoberta do trabalho de **Gregor Mendel** no início do século XX e o desenvolvimento da Síntese Moderna). Outros antes dele já haviam esboçado a ideia de seleção natural: em sua vida, Darwin reconheceu como tal os trabalhos de **William Charles Wells** e **Patrick Matthew** que ele (e praticamente todos os outros naturalistas da época) desconheciam quando ele publicou a sua teoria. Contudo, é claramente reconhecido que Darwin foi o primeiro

a desenvolver e publicar uma teoria científica de Seleção Natural e que trabalhos anteriores ao seu não contribuíram para o desenvolvimento ou sucesso da Seleção Natural como uma teoria testável.

Apesar da grande controvérsia que marcou a publicação do trabalho de **Darwin**, a evolução por seleção natural provou ser um argumento poderoso contrário às noções de criação divina e projeto inteligente comuns na ciência do século XIX. A ideia de que não mais havia uma clara separação entre homens e animais faria com que Darwin fosse lembrado como aquele que removeu o homem da posição privilegiada que ocupava no universo.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin



Epigenética e teoria da evolução. Suas compatibilidades

Herança comportamental na evolução se apresenta de várias maneiras, sobretudo por meio de tradições, acentua a geneticista Eva Jablonka. Mecanismos epigenéticos recém descobertos ampliam noções de hereditariedade, variação e evolução

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER | FOTO DIVULGAÇÃO

A “epigenética é uma abordagem usada para estudar o desenvolvimento que enfoca as interações de todos os insumos que afetam o processo de desenvolvimento do indivíduo, do nível molecular em diante”, analisa a cientista Eva Jablonka, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Segundo a pesquisadora, “a existência de variações epigenéticas, ‘desenvolvimentais’, está em consonância com as ideias do próprio Darwin sobre hereditariedade, pois Darwin acreditava que a variação induzida ‘desenvolvimentalmente’ pode ser herdada”. Essa herança comportamental na evolução se apresenta de inúmeras formas, “mas da maneira mais direta na forma de tradições”.

Docente na Universidade de Tel Aviv, no Cohn Institute for the History of Philosophy of Science and Ideas, Jablonka é polonesa e imigrou para Israel em 1957. De suas obras, citamos: *History of Heredity* (Israel: Ministry of Defence Publishing House, 1994); *Epigenetic Inheritance and Evolution: the Lamarckian Dimension* (Oxford: Oxford University Press, 1995), e *Animal Traditions: Behavioural Inheritance in Evolution* (Cambridge: Cambridge University Press, 2000). Confira a entrevista.



IHU On-Line - O que é epigenética?

Eva Jablonka - Epigenética é uma abordagem usada para estudar o desenvolvimento que enfoca as interações de todos os insumos que afetam o processo de desenvolvimento do indivíduo, do nível molecular em diante. O estudo da plasticidade (como um genótipo pode gerar muitos fenótipos diferentes) e o da canalização (como indivíduos com genótipos diferentes têm o mesmo fenótipo) são de interesse especial, porque são as interações entre os diferentes fatores, genes, seus produtos, células, etc. que constituem o foco dessa abordagem. No nível celular, os processos epigenéticos que são de interesse especial são os processos implicados na determinação e diferenciação das células. Em níveis mais elevados da organização biológica, mecanismos epigenéticos geram as interações dependentes do contexto e autossustentadoras que levam à persistência fisiológica, morfológica e comportamental. A herança epigenética

é um componente da epigenética. Ela ocorre quando variações fenotípicas não provenientes de variações em sequências de bases no DNA são transmitidas a gerações subsequentes de células ou organismos. Um exemplo é a herança durante o desenvolvimento em linhagens de células dentro de um organismo. A hereditariedade celular em células que se dividem mitoticamente subjaz à persistência de estados determinados em organismos multicelulares. Isto é, as células tronco do rim de um indivíduo e as células tronco de sua pele geralmente produzem prole com as características dos pais, embora suas sequências de DNA sejam idênticas e os estímulos “desenvolvimentais”¹ que acarretaram os fenótipos celulares diferentes tenham terminado há muito. Ela também inclui a herança de variações desenvolvimentais entre indivíduos.

IHU On-Line - Qual é a sua relação

¹ No original, leia-se “developmental”. (Nota da IHU On-Line)

com a teoria da seleção natural de Darwin?

Eva Jablonka - A variação epigenética hereditária pode proporcionar uma variação adicional para processos evolutivos, inclusive a seleção natural. Assim, a existência de variações epigenéticas hereditárias amplia o escopo de variações e proporciona focos adicionais para a seleção. Não há conflito entre a epigenética e o darwinismo. De fato, a existência de variações epigenéticas, “desenvolvimentais” está em consonância com as ideias do próprio Darwin sobre hereditariedade, pois Darwin acreditava que a variação induzida “desenvolvimentalmente” pode ser herdada.

IHU On-Line - E o que é herança epigenética? Poderia nos dar alguns exemplos de seres vivos que possuem essa herança?

Eva Jablonka - Ela se refere à herança (transmissão) de variações que não dependem da variação da sequência de bases no DNA. Há muitos tipos dessa

herança, incluindo a herança epigenética celular e gamética, a transmissão que implica a reconstrução de variações “desenvolvimentais” somáticas e não passa pelos gametas, a transmissão comportamental e, no caso dos seres humanos, a transmissão de informações baseada em símbolos. Darei um exemplo de herança epigenética celular onde a variação epigenética é transmitida através dos gametas.

Skinner² e seus colegas injetaram em ratas grávidas (8 a 15 dias após a cópula) vinclozolina, um fungicida que também é um antagonista do receptor do andrógeno. Eles constataram que as consequentes anormalidades no testículo, no sistema imune e em outros tecidos de crias do sexo masculino eram herdadas por quatro gerações, pelo menos. Quinze sequências diferentes de DNA com padrões de metilação alterados (uma modificação epigenética) nos machos F_1 eram transmitidos da geração F_1 para a F_3 . Gal Raz e eu pesquisamos a literatura e resumimos mais de 100 casos de herança epigenética celular entre gerações (veja *Quarterly Review of Biology*, v. 84, n. 2, 2009).

IHU On-Line - Como se apresenta a herança comportamental na evolução?

Eva Jablonka - Ela se apresenta de muitas maneiras, mas da maneira mais direta na forma de tradições. Estamos cientes das tradições culturais humanas, que são transmitidas e mudam através da evolução cultural (baseada em símbolos). Os animais também têm tradições comportamentais que são passadas de uma geração a outra através do aprendizado social. A transmissão de comportamento através do aprendizado social também influencia a evolução genética porque os comportamentos dos animais (inclusive, é claro, dos seres humanos) alteram o ambiente em que eles, seus descendentes e seus genes são selecionados.

² Burrhus Frederic Skinner (1904-1990): psicólogo estadunidense. Conduziu trabalhos pioneiros em psicologia experimental e foi o proponente do Behaviorismo Radical, abordagem que busca entender o comportamento em função das inter-relações entre história filogenética e ambiental do indivíduo. (Nota da IHU On-Line)

“Os mecanismos epigenéticos recentemente descobertos estão ampliando e atualizando nossas noções de hereditariedade, variação e evolução. Eles podem acrescentar novas respostas a perguntas como as seguintes: como e por que são geradas variações hereditárias? O que é selecionado e como?”

IHU On-Line - Como a ênfase de sua pesquisa em formas de evolução não genéticas amplia o escopo do darwinismo?

Eva Jablonka - Os mecanismos epigenéticos recentemente descobertos estão ampliando e atualizando nossas noções de hereditariedade, variação e evolução. Eles podem acrescentar novas respostas a perguntas como as seguintes: como e por que são geradas variações hereditárias? O que é selecionado e como? A ênfase de minha pesquisa amplia o escopo do darwinismo porque mostra que a evolução implica descendência com modificações genéticas e epigenéticas, bem como a seleção natural de variações epigenéticas induzidas e cegas.

IHU On-Line - Qual é a influência de Lamarck³ em sua pesquisa?

³ Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet - Chevalier de Lamarck (1744-1829): naturalista francês que desenvolveu a teoria dos caracteres adquiridos. Personificou as idéias pré-darwinistas sobre a evolução. Foi ele que, de fato, introduziu o termo biologia. Antes de 1800, acreditava que as espécies eram imutáveis.

Eva Jablonka - Lamarck era um ótimo biólogo, de modo que seu trabalho sempre é uma inspiração. Sua influência sobre minha pesquisa não é direta - não são suas teorias específicas que me influenciaram, mas o tipo de problemática que ele definiu. A questão da relação entre desenvolvimento e hereditariedade, que ele acreditava ser direta (ele via a hereditariedade com um aspecto do desenvolvimento) e do efeito disso sobre a evolução influenciou gerações de biólogos, inclusive a mim, que investigaram essa relação dentro do marco da biologia de sua respectiva época.

IHU On-Line - Por que o pensamento de Darwin continua influenciando a ciência?

Eva Jablonka - A teoria de Darwin constitui a base da biologia moderna, incluindo, é claro, a moderna biologia evolutiva. Seus princípios básicos - a descendência com modificação e a importância primordial do processo de seleção na evolução - são os dois pilares nos quais se baseia a moderna biologia evolutiva. Cito o que Marion Lamb e eu escrevemos num pequeno artigo intitulado *Os pilares do darwinismo*: “A teoria evolutiva repousa sobre dois pilares: a teoria da descendência com modificação e a teoria de que a seleção natural é necessária para explicar características funcionalmente complexas. Primeiramente, Lamarck e, 50 anos mais tarde, Darwin propuseram que os organismos vivos em nosso mundo são produtos de um longo processo histórico de transformação, que eles são descendentes de ancestrais antigos, muito mais simples, de linhas ininterruptas de hereditariedade que se iniciaram na origem da vida. Dados que se estendem desde o estudo de fósseis antigos até as mais recentes descobertas da biologia molecular dão sustentação à teoria da descendência com modificações. A segunda ideia vigorosa de Darwin, de que a seleção natural é necessária para a explicação da adaptação funcional, proporcionou

veis. Mas graças ao seu trabalho sobre os moluscos da Bacia de Paris, ficou convencido da transmutação das espécies ao longo do tempo, e desenvolveu a sua teoria da evolução, apresentada ao público em 1809 na sua *Philosophie Zoologique*. (Nota da IHU On-Line)

percepções essenciais para a explicação científica de características complexas como o olho do mamífero, a asa do pássaro, a capacidade das plantas de transformar luz em açúcares. Muitos exemplos atestam a operação da seleção natural no mundo vivo.

Os dois pilares da teoria evolutiva se baseiam em interações dinâmicas entre os mais distintivos processos em organismos vivos: reprodução e multiplicação (indivíduos biológicos produzem prole em forma de indivíduos), hereditariedade (iguais fazem surgir iguais) e variação (às vezes a prole é diferente de seus progenitores). Quando alguma variação afeta as chances de reprodução, a seleção natural resulta disso. E quando as variações que afetam a reprodução são *hereditárias*, o resultado disso é a *evolução por seleção natural*. A seleção cumulativa numa direção particular, por exemplo para se movimentar com eficiência pelo ar, pode fazer surgir estruturas complexas, como asas, e os processos coordenados de vôo.”

LEIA MAIS...

>> Sobre Charles Darwin confira algumas das entrevistas e artigos já publicados pela revista IHU On-Line e pelo sítio do IHU:

* “Somos melhores depois de Darwin”. Entrevista com Anna Carolina Regner, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 17-03-2009. Acesse em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20440;

* *Darwin revolucionou nossa visão cósmica*. Entrevista com Francisco Mauro Salzano, publicada na IHU On-Line número 297, de 15-06-2009. Acesse em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_eventos&Itemid=26&task=evento&id=259&id_edicao=325;

* *Até que Darwin os separe*. “A evolução atua de um jeito torto”. Artigo publicado nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 05-07-2009. Acesse em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23690;

* “A ideia de que a evolução é sinônimo de progresso é falsa em todos os aspectos”. Entrevista com Maria Susana Rossi, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 15-07-2009. Acesse em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23550.

“A ciência não significa, necessariamente, ateísmo”

Embora seja a posição metafísica mais sensata quando bem compreendido, o ateísmo não é prerrogativa da ciência, sinaliza o geneticista e biólogo Massimo Pigliucci. A teoria da evolução é tão impactante quanto a revolução copernicana

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER | FOTO DIVULGAÇÃO

Para o geneticista e biólogo Massimo Pigliucci, professor emérito da Universidade Estadual de Nova York, ciência e ateísmo não precisam andar de mãos dadas. Ele reconhece que a ciência não pode explicar tudo, já que é um “empreendimento humano e, como tal, é limitada pelas capacidades humanas”. Demonstra, ainda, incompreensão quanto à ideia de que a ciência deva explicar questões de fé: “A fé é, por definição, uma crença que se tem independentemente de ou apesar das provas; portanto, o que há a ser explicado?” Por outro lado, acentua que “o ateísmo é a posição metafísica mais sensata se for entendido corretamente. Um ateu é (ou deveria ser) alguém que não sustenta ter conhecimento positivo do fato de que deuses não existem. É impossível provar um negativo metafísico”, disse na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Questionado sobre a maior contribuição de Darwin à ciência, Pigliucci mencionou a seleção natural, através da qual “o aparente projeto existente na natureza pode ser explicado em termos naturais”. Essa teoria ainda controversa teve o mesmo impacto que a teoria copernicana, que “tirou a humanidade do centro do universo”.

Escreveu, entre outros, *Denying evolution: creationism, scientism and the nature of science* (Sunderland: Sinauer Associates, 2002), *Phenotypic integration* (Oxford: Oxford Press, 2003) e *Making sense of evolution: the conceptual foundations of evolutionary biology* (Chicago: Chicago Press, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - A ciência significa, necessariamente, ateísmo? Por quê?

Massimo Pigliucci - Não, a ciência não significa necessariamente ateísmo. É claro que uma cosmovisão ateu é consistente com a ciência, mas a ciência em si tem a ver com a investigação de processos naturais, de modo que ela não pode refutar (nem provar, no que diz respeito ao assunto) a existência do sobrenatural.

IHU On-Line - Em que sentido o ateísmo é uma posição metafísica admissível?

Massimo Pigliucci - Penso que o ateísmo é a posição metafísica mais sensata se for entendido corretamente. Um ateu é (ou deveria ser) alguém que não sustenta ter conhecimento positivo do fato de que deuses não existem. É impossível provar um negativo metafísico. Mas o ateísmo significa simplesmente não ter uma



crença positiva em deuses porque não há prova ou razão para adotar tal crença. Neste sentido, sou ateu da mesma forma como sou a-unicornista: não creio em unicórnios não porque eu saiba com certeza que eles não existem, mas porque penso não haver razão para nutrir essa noção seriamente.

IHU On-Line - A ciência pode explicar tudo, ou há questões de fé que não são passíveis de racionalização?

Massimo Pigliucci - Não, é claro que a ciência não pode explicar tudo. A ciência é um empreendimento humano e, como tal, é limitada pelas capacidades humanas. Entretanto, não consigo compreender a idéia de explicar questões de fé. A fé é, por definição, uma crença que se tem independentemente de ou apesar das provas; portanto, o que há a ser explicado? O que seria considerado uma explicação baseada na fé?

IHU On-Line - Ainda persiste o embate entre o designio inteligente, o acaso e a evolução como explicações para a origem da vida. O senhor poderia explicar qual é sua posição?

Massimo Pigliucci - Em primeiro lugar, a evolução, ao contrário da crença popular, *não* é uma questão de acaso. A seleção natural não é um processo aleatório (os organismos que têm a aptidão mais elevada, e não uma amostra aleatória de organismos, sobrevivem e se reproduzem). Em segundo lugar, a evolução *não* tem a ver com a origem da vida. A questão da origem da vida é de natureza biofísica e bioquímica; a evolução começou *depois* da origem da vida. Por fim, considero as guerras entre evolução e criação uma questão de compreensão pública errônea da ciência (e de manipulação intencional por parte de algumas autoridades religiosas), e não uma controvérsia científica real; a maioria esmagadora dos cientistas competentes tem aceito a evolução desde o século XIX, mas aparentemente o resto da sociedade está precisando de bastante tempo para chegar lá.

IHU On-Line - Como as teorias de Darwin repercutem na sociedade atual?

Massimo Pigliucci - Há muitas aplicações das ideias de Darwin fora dos limites comuns da teoria evolutiva. Por exemplo, os médicos estão começando a aplicar princípios evolutivos para entender como as doenças se originam e se disseminam; há estudos evolutivos que visam a entender como os seres humanos se tornaram animais morais; e há até, bastante ironicamente, estudos evolutivos da origem e disseminação da crença religiosa.

IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições de Darwin para a ciência?

Massimo Pigliucci - A maior contribuição de Darwin para a ciência é ter descoberto um mecanismo, a seleção natural, pelo qual o aparente projeto

“A maior contribuição de Darwin para a ciência é ter descoberto um mecanismo, a seleção natural, pelo qual o aparente projeto existente na natureza pode ser explicado em termos naturais”

existente na natureza pode ser explicado em termos naturais. Como se pode ver, ela ainda é uma ideia controvertida, semelhante, em termos de impacto, à teoria copernicana que tirou a humanidade do centro do universo.

IHU On-Line - Qual é o contexto histórico e científico no qual surge *A origem das espécies*?

Massimo Pigliucci - Há muitos livros bons dedicados à história das ideias darwinianas. Basicamente, entretanto, Darwin descobriu o princípio da seleção natural durante sua viagem como naturalista a bordo do HMS Beagle, e, de modo independente, Alfred

Russel Wallace fez a mesma descoberta durante suas próprias expedições na Indonésia. Historicamente, esse foi um momento de grande progresso científico, ocasionado, em parte, pelo fato de que a ciência estava finalmente se tornando uma disciplina própria, separada da filosofia. A Sociedade Linneana, por exemplo, para a qual Darwin e Wallace apresentaram seu artigo conjunto sobre a seleção natural em 1858, tinha sido estabelecida somente 70 anos antes. Ela ainda é uma das principais sociedades científicas do mundo.

IHU On-Line - O que já foi superado e o que continua atual em sua obra *A origem das espécies*?

Massimo Pigliucci - Como sempre acontece na ciência, as teorias mudam e ideias aperfeiçoadas são propostas para que a comunidade científica as considere e explore. Nós não falamos de “newtonismo” hoje em dia, e também não deveríamos falar de “darwinismo”. As ideias centrais de Darwin - a seleção natural e a descendência comum de todos os organismos da terra - ainda são válidas, mas, por exemplo, muitos biólogos atualmente pensam que a chamada “árvore da vida” (i. e., o padrão ramificante de descendência com modificação imaginado por Darwin) se parece muito mais com uma rede complexa, porque os organismos de diferentes espécies intercambiam material genético. E é claro que Darwin não conhecia o DNA, a genômica e todas as outras descobertas maravilhosas que a biologia fez ao longo do século 20. Os pesquisadores, inclusive eu, estão trabalhando para esboçar uma versão nova e aperfeiçoada da teoria evolutiva, que chamamos de Síntese Ampliada (para distingui-la da chamada Síntese Moderna da década de 1940, que era, ela própria, uma atualização da teoria de Darwin). No início do próximo ano, a editora do Massachusetts Institute of Technology (MIT Press) vai publicar uma coletânea de ensaios dedicados a ela. Mas as percepções cruciais que Darwin teve sobre a evolução da vida continuam sendo válidas hoje em dia e fazem dele um dos mais importantes cientistas que houve.

Não fomos criados à semelhança de Deus: Ele é que foi criado à nossa semelhança

Daniel Dennett frisa que somos apenas uma das espécies vivas do planeta, mas a única que tem o conhecimento de protegê-lo contra desastres. Deus foi criado à nossa semelhança, e não o contrário

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER | FOTO DIVULGAÇÃO

A hipótese Deus não é necessária para explicar o fato de estarmos aqui, e a teoria da evolução, de Darwin, demonstra isso muito bem, pontua o filósofo norte-americano Daniel Dennett, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Além de termos sido desbancados do nosso antropocentrismo após a formulação da teoria da evolução, precisamos, ainda, diz o filósofo, conviver com a constatação de que existe uma “incompatibilidade profunda” entre o processo “desprovido de propósito, mecânico e descuidado” que cria as coisas e a concepção de um design inteligente. “Não há tarefa na criação da biosfera para a qual a inteligência seja necessária”, sentencia. “Nós somos apenas uma espécie neste planeta maravilhoso, mas somos a espécie que tem o conhecimento que poderia protegê-lo contra desastres. Nós não somos ‘criados à semelhança de Deus’ (não, Deus foi criado à nossa semelhança), mas temos efetivamente uma versão imperfeita do poder, análogo ao divino, de providência e boa vontade, sendo, portanto, responsáveis pela segurança de todas as espécies”.

Dennett é conhecido mundialmente por sua pesquisa voltada à filosofia da mente e da biologia. Ele entende a evolução por seleção natural como um processo algorítmico. Esta ideia está em conflito com a filosofia do paleontólogo evolucionista Stephen Jay Gould, que preferiu salientar o “pluralismo” da evolução, ou seja, a sua dependência de muitos fatores cruciais, dos quais a seleção natural é apenas uma. Em *A perigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida* (Rio de Janeiro: Rocco, 1998), Dennett mostrou-se ainda mais disposto a defender o adaptacionismo de Richard Dawkins, dedicando um capítulo inteiro a uma crítica das ideias de Gould. Ateu assumido, escreveu inúmeras obras influentes do pensamento atual, entre elas *Tipos de mente: rumo a uma compreensão da consciência* (Rio de Janeiro: Rocco, 1997); e *Quebrando o encanto* (Rio de Janeiro: Globo, 2006). Sobre esta última obra, leia a entrevista com o autor, Daniel Denett, intitulada “*Proponho interceptar o pressuposto que diz que não se pode pesquisar a religião*”, publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU em 11-10-2007, e disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=9730. Confira a entrevista.



IHU On-Line - Por que a fé na criação divina e a teoria de Darwin são incompatíveis?

Daniel Dennett - Antes de Darwin, parecia óbvio para todo o mundo que só uma entidade inteligente e dotada de propósito pode criar algo intrincado, algo que tem uma função ou finalidade. Um tufão pode causar um grande estrago, mas esse estrago não mostra sinais de projeto. E o nome dado a essa entidade criadora

“A ideia de Darwin mostra que nenhuma outra concepção de Deus é necessária para explicar o fato de estarmos aqui”

inteligente era Deus. Darwin mostrou que isso é um erro. Um processo desprovido de propósito, mecânico, descuidado pode criar coisas que tenham um projeto requintado. Esta é uma incompatibilidade profunda.

Não há tarefa na criação da biosfera para a qual a inteligência seja necessária.

IHU On-Line - As teorias de Darwin podem ser pilares na construção

do diálogo entre fé e ciência? Por quê?

Daniel Dennett - O mais importante tema que a ciência deixou não resolvido é a ética: o que deveríamos fazer? Como deveríamos viver? Esta não é uma pergunta factual, mas também não é uma pergunta que pudesse ser *respondida* pela fé, independentemente da razão. O fato de algum texto sagrado dizer “Não farás...” ou “Sempre farás...” não poderia determinar que todo o mundo (ou qualquer pessoa) deveria ou não deveria fazer o que quer que o livro tenha dito. Mas qualquer imperativo desses é um bom candidato para nossa consideração. Se imaginarmos uma comunidade de persuasão mútua, em que cada crença religiosa - e também todo moralista secular ou ateísta - tenta convencer todos os demais a respeito de como se deve viver moralmente, então a ciência poderá oferecer muitas informações valiosas sobre as disposições e fraquezas humanas, e a história poderá oferecer muitas informações valiosas sobre a maneira como vários credos éticos funcionaram no passado, e, juntas, todas essas informações deveriam enriquecer e fortalecer a tomada de decisões, em última análise políticas, que pode, em princípio, levar a uma ética universal ou quase universal. E, de fato, é uma versão não organizada desse processo, que já vem ocorrendo há vários milênios, que nos deu a moralidade a respeito da qual todos tendemos a concordar atualmente. Ninguém vive segundo a moralidade do Antigo Testamento, ou iria querer fazer isso. A ética evoluiu, culturalmente, ao longo dos séculos.

IHU On-Line - Com Darwin a humanidade percebeu que não é o centro dos organismos vivos. Como essa percepção altera a ciência e a sociedade atualmente?

Daniel Dennett - Deixe-me citar o falecido Paul MacCready,¹ um engenheiro excelente e visionário: “Ao longo de bilhões de anos, sobre uma esfera singu-

¹ Paul B. MacCready, Jr. (1925-2007): foi um engenheiro aeronáutico americano. (Nota da IHU On-Line)

lar, o acaso pintou uma fina cobertura de vida - complexa, improvável, maravilhosa e frágil. Subitamente nós, seres humanos [...], crescemos em termos de população, tecnologia e inteligência, chegando a uma posição de poder terrível: somos nós que agora empunhamos o pincel.” Nós somos apenas uma espécie neste planeta maravilhoso, mas somos aquela que tem o conhecimento que poderia protegê-lo contra desastres - incluindo aqueles pelos quais nós, humanos, seríamos responsáveis.

“Um tufão pode causar um grande estrago, mas esse estrago não mostra sinais de projeto. E o nome dado a essa entidade criadora inteligente era Deus. Darwin mostrou que isso é um erro”

Nós não somos “criados à semelhança de Deus” (não, Deus foi criado à nossa semelhança), mas temos efetivamente uma versão imperfeita do poder, análogo ao divino, de providência e boa vontade, sendo, portanto, responsáveis pela segurança de todas as espécies.

IHU On-Line - Pode-se falar num novo paradigma da ciência depois de *A origem das espécies*? Por quê?

Daniel Dennett - Darwin mostrou como o pensamento teleológico - sobre funções e finalidades - pode se tornar coincidente com as ciências não teleológicas da química e da física. O mundo biológico está fervilhando de funções, em todas as escalas, desde a tromba do elefante até as enzimas revisoras de provas em nossas células

que corrigem erros de cópia em nosso DNA, um trilhão de vezes por dia. A biologia estuda isso pela “engenharia reversa”, descobrindo para que serve cada parte e cada característica. Essa engenharia reversa não é, num certo sentido, um paradigma novo - Aristóteles² era entusiasticamente teleológico em suas próprias análises pioneiras de coisas vivas -, mas a ideia de Darwin torna essa perspectiva coerente e compatível com o resto da ciência.

IHU On-Line - Darwin “matou” Deus, ou sua teoria apenas comprovou um fato ainda não constatado?

Daniel Dennett - Nem uma coisa, nem outra. Não há uma única ideia de Deus hoje em dia; para algumas pessoas, Deus é, como disse Tillich,³ “o fundamento de todo o ser” (seja lá o que possa significar isso!); para outras, Deus é um agente humanoíde gentil, mas, às vezes, punitivo, que literalmente olha sobre nós como um titeriteiro.⁴ E há mil outras ideias. Se Deus é apenas a excelência (por nossas luzes) do universo (o que nos tornou possíveis), então Ele existe tão certamente quanto a gravidade existe. A ideia de Darwin mostra que nenhuma outra concepção de Deus é necessária para explicar o fato de estarmos aqui.

² Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

³ Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX. É autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de Ser* (6. ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, Poder e Justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da IHU On-Line)

⁴ Titeriteiro ou titereiro (fantoche): é aquele que lida com fantoches/marionetes; é um manipulador de bonecos. (Nota da IHU On-Line)

A nossa compreensão de Deus não pode ser a mesma depois de Darwin

Vivemos em um universo “emergente”, em constante criação. A evolução nos auxilia a aumentar a percepção tanto do universo, quanto de Deus, sustenta John F. Haught. Confronto entre ciência e fé é salutar

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER | FOTO DIVULGAÇÃO

Teorias da evolução e criação divina não se contradizem. Pelo contrário, se complementam. É o que pensa o teólogo norte-americano John F. Haught, criador do conceito de teologia evolucionista. Em suas próprias palavras: “Chamando a atenção para o fato de que o universo ainda está se formando, a evolução ajuda a aumentar nossa percepção tanto do universo, quanto de Deus. A evolução implica que o universo ainda está inconcluso. Isto significa que o universo ainda tem um futuro e que, em princípio, há espaço para nova criação e esperança no futuro. Desta maneira, a ciência evolutiva nos permite abandonar o amargo pessimismo cósmico que ainda existe entre muitos cientistas e filósofos”. Além da criação original, há uma criação contínua, diz o cientista. “A criação contínua significa que Deus dá uma existência contínua ao mundo no presente e no futuro, e também implica que novas formas de ser podem continuar aparecendo no transcurso da história natural. Assim, a ideia de que a natureza pode dar à luz novas espécies de ser durante a passagem do tempo nunca deveria ter sido perturbadora para os cristãos”. Sobre o cientificismo que norteia o pensamento de alguns cientistas, Haught alfineta: “Estou convicto de que o cientificismo está em contradição consigo mesmo. O cientificismo diz que não aceita nada com base na fé, mas é preciso ter fé para adotar o cientificismo”.

Haught é professor de Teologia da Universidade de Georgetown, Estados Unidos, e membro sênior do Woodstock Theological Center. Graduado em Filosofia, pela St. Mary's University, de Baltimore, é mestre e PhD. pela Catholic University of America, Washington, com a tese *Foundations of the hermeneutics of eschatology*. É autor de inúmeros livros, dentre os quais destacamos *Deeper than Darwin: the prospect for religion in the age of evolution* (Boulder, Colo: Westview Press, 2003); *Purpose, evolution and the meaning of life* (Ontario: Pandora Press, 2004); *Is nature enough: meaning and truth in the age of science* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006) e *Christianity and science* (Maryknoll: Orbis Press, 2007). Em português, leia *Deus após Darwin. Uma teologia evolucionista* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2002). Confira a entrevista.



IHU On-Line - Em que sentido a teoria da evolução, de Darwin, é um convite para ampliarmos e aprofundarmos nossa percepção do divino?

John F. Haught - Tenho sustentado que o Deus da evolução é o mesmo Deus que chama Abraão para um futuro novo e revigorante. O ensinamento bíblico fundamental é de que Deus é um Deus da promessa. A evolução amplia e aprofunda nossa percepção da promessa divina, permitindo-nos pensar que o Criador convida *toda a vida e o universo inteiro* a se encaminhar para um futuro novo. Encaminhando-se para seu futuro último em Deus, o cosmo inteiro

já é dignificado aqui e agora. De modo semelhante, o processo da evolução da vida e a história da existência humana na terra são infundidos com um valor especial aqui e agora por estarem abertos, de maneira muito especial, a serem incluídos no abraço eterno do Deus, que pode ser concebido como o Futuro Último do mundo. Deus não se encontra tanto “lá em cima” quanto “lá na frente”, como diz o geólogo jesuíta Teilhard de Chardin.¹ Nossa pró-

¹ Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio In-

ternacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas *Notícias do Dia* do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, de 16-06-2006, *Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão*. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158268345.05pdf.pdf>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158267341.59pdf.pdf>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/>

pria importância ou valor especial consiste, ao menos em grande medida, em nossa inerente abertura ao “Poder do Futuro” chamado Deus. Somos definidos não só por nosso passado evolutivo, mas também pelo Novo Futuro para o qual somos chamados juntamente com todo o universo.

IHU On-Line - Tomando isso em consideração, qual é a contribuição da teologia da evolução para o diálogo fé e ciência?

John F. Haught - Chamando a atenção para o fato de que o universo ainda está se formando, a evolução ajuda a aumentar nossa percepção tanto do universo, quanto de Deus. A evolução implica que o universo ainda está inconcluso. Isto significa que o universo ainda tem um futuro e que, em princípio, há espaço para nova criação e esperança no futuro “lá na frente”. Desta maneira, a ciência evolutiva nos permite abandonar o amargo pessimismo cósmico que ainda existe entre muitos cientistas e filósofos. Mesmo que o próprio universo pereça no fim das contas, assim como acabará acontecendo com tudo o que é finito, a evolução poderá estar longe de concluída e há espaço para esperança no futuro da criação. As gerações anteriores de pessoas religiosas não tinham nossa compreensão contemporânea de evolução e criação contínua, e, assim, muitas vezes procuravam uma saída do universo físico em “outro mundo” completamente separado deste mundo. Hoje em dia, entretanto, um número cada vez maior de teólogos está convencido de que o que acontece neste universo inconcluso, à medida que ele continua a se desdobrar, faz parte do próprio tecido do “reino dos céus” pelo qual esperamos. O que acontece na evolução e na história humana verdadeiramente importa para Deus eternamente. Essas ideias também são importantes para uma teologia ecológica em que nosso “cuidado da criação” no presente é essencial para a criatividade futura da vida num

universo em evolução.

IHU On-Line - E como podemos conciliar o evolucionismo darwiniano com o criacionismo?

John F. Haught - A criatividade de Deus, de acordo com a teologia tradicional, não se limita a fazer surgir o mundo e a vida no início. Há uma criação *original*, é claro, mas também há uma criação *contínua*. A criação contínua significa que Deus dá uma existência contínua ao mundo no presente e no futuro, e também implica que novas formas de ser podem continuar aparecendo no transcurso da história natural. Assim, a ideia de que a natureza pode dar à luz

“Tenho sustentado que o Deus da evolução é o mesmo Deus que chama Abraão para um futuro novo e revigorante. O ensinamento bíblico fundamental é que Deus é um Deus da promessa”

novas espécies de ser durante a passagem do tempo nunca deveria ter sido perturbadora para os cristãos. O pensamento de que o mundo pode mudar drasticamente e de que a vida, de alguma maneira, “evolui” é antigo. Santo Agostinho² propôs que novas espécies de vida surgem durante o transcurso do tempo terreno a partir de “princípios seminais” (*seminales racionales*) semeados pelo Criador no início.

A maioria dos teólogos concorda com Darwin na rejeição da ideia inepita de uma série de criações especiais

² Aurélio Agostinho (354-430): conhecido também como Santo Agostinho, nasceu em Tagaste. Bispo, escritor, teólogo, filósofo foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou o conceito de pecado original e guerra justa. (Nota da IHU On-Line)

por parte de Deus, mas faz parte da teologia cristã comum reconhecer que a criação do novo ser ainda está acontecendo. Nós vivemos no que os cientistas chamam de universo “emergente”, onde novos estados de ser podem passar a existir imprevisivelmente ao longo do tempo. Em linguagem teológica, Deus não é apenas aquele que cria inicialmente e na sequência mantém a existência do mundo, mas também aquele que “faz novas todas as coisas” (Isaías 42,9; Apocalipse 21,5). Visto que a criação não está concluída ainda, resta um considerável espaço doutrinal na tradição teológica para abrigar as provas científicas da evolução.

Evolução e criação divina

Consequentemente, desde Darwin os cristãos cientificamente esclarecidos não viram qualquer conflito entre a evolução e a doutrina teológica da criação contínua e nova. As pessoas crentes não precisam optar entre a evolução e a criação divina. Conceba o Criador como aquele que forma um mundo que, por sua vez, faz surgir espontaneamente vida nova e diversidade imensa, e, finalmente, os seres humanos. A evolução, neste caso, é o desdobramento da engenhosidade original do mundo dada por Deus. O fazedor divino de tal mundo autocriativo é, possivelmente, muito mais impressionante – e, por conseguinte, mais digno da reverência e da gratidão humana – do que um “projetista” que molda e faz a microgestão de tudo diretamente. O aspecto a ser destacado não é que Deus faz as coisas, e sim que “Deus faz as coisas fazerem a si mesmas”, como o expressaram Charles Kingsley,³ Pierre Teilhard de Chardin, Frederick Temple⁴ e outros pensadores religiosos. Até no Gênesis, Deus diz: “Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie, e assim se fez” (Gn 1,24). Deus é a causa primária, mas atua através da regularidade e espontaneidade da

³ Charles Kingsley (1819-1875): romancista, historiador e professor universitário inglês. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Frederick Temple (1821-1902) foi um professor universitário inglês, e arcebispo de Canterbury desde 1896 até sua morte. (Nota da IHU On-Line)

1158266847.13pdf.pdf, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158266098.47pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

natureza. Isto aprofunda tanto nossa percepção da natureza quanto do Deus da natureza.

IHU On-Line - A compatibilidade dessas duas visões seria o cheque-mate para o determinismo? Em que aspecto?

John F. Haught - O determinismo, que, para mim, designa a negação da liberdade, baseia-se numa compreensão materialista ou mecanicista em que toda a vida, inclusive a vida humana, é redutível a átomos e moléculas. Entretanto, até a física contemporânea se afastou cada vez mais do materialismo/determinismo grosseiro que foi tão influente no século XIX e no início do século XX. Atualmente, a natureza parece muito mais espontânea, autocriativa, autotranscendente e indeterminada do que há um século e meio. Um universo emergente escapa da tirania do passado à medida que se abre para um futuro novo e imprevisível. A abertura do mundo para um futuro novo e imprevisível significa que o determinismo é uma perspectiva filosófica falsa. As leis da física e química talvez sejam invioláveis e deterministas, mas, à medida que o universo emerge e se encaminha para seu futuro, a realidade física pode ser modelada de formas inéditas e imprevisíveis, inclusive por nossas próprias mentes.

Determinismo x livre arbítrio

O materialismo/determinismo provém de um método de examinar a natureza que deixa de fora o fato de que nós seres humanos também fazemos parte da natureza. Nossa própria experiência e abertura interior para o futuro (nossa subjetividade) fazem parte da natureza da mesma maneira como as rochas e os rios. Portanto, uma concepção completa da natureza precisa levar em conta algo que todos e todas nós sabemos imediatamente que é factual, a saber, nossa própria experiência interior de uma capacidade irredutível para a livre escolha. O cientificismo e o naturalismo científico deixam arbitrariamente de lado essa experiência extremamente palpável que cada um e cada uma de nós tem de sua própria vida interior. Para abrir espaço para a liberdade, portanto, o que precisamos é uma nova filosofia integral da

“Embora o método científico não possa dizer nada sobre Deus, as descobertas científicas o podem. À medida que as descobertas científicas ampliam e aprofundam nossa compreensão da natureza, elas oferecem à teologia a oportunidade de ampliar e aprofundar sua percepção do Mistério divino”

natureza que leve em conta tanto o que a ciência descobre quanto o que experimentamos a partir de “dentro” como sujeitos pessoais abertos para o futuro. Filósofos cientificamente instruídos como Alfred North Whitehead⁵ e Michael Polanyi⁶ já construíram tais visões abertas da natureza, mas a maioria dos filósofos acadêmicos as ignora e continua, às vezes, a perpetuar o mito do determinismo.

IHU On-Line - A relação entre ciência e religião amadureceu nestes últimos 400 anos, desde que Galileu desenvolveu a ciência moderna tal como conhecemos hoje?

John F. Haught - Sim, de modo geral, as coisas melhoraram. Atualmente, há três formas principais de conceber a relação entre religião e ciência. 1) Alguns cientistas e algumas pessoas religiosas ainda são de opinião que a religião se opõe

⁵ Alfred North Whitehead (1861-1947): filósofo e matemático inglês. Com Bertrand Russel, escreveu *Principia Mathematica*. Ele também desenvolveu a chamada Teologia do Processo. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Michael Polanyi: irmão mais novo do famoso Karl Polanyi, um dos mais severos críticos da sociedade ocidental e dos valores capitalista. Médico, seguiu carreira como químico. (Nota da IHU On-Line)

à ciência ou que a ciência exclui a religião. Chamo isso de posição do *conflito*. 2) Outros, entretanto, insistem que a religião e a ciência são tão diferentes uma da outra que o conflito entre elas é logicamente impossível. Chamo isso de abordagem da *contraposição*. 3) Um terceiro grupo, do qual faço parte, sustenta que a religião e a ciência não são mutuamente opostas, nem completamente independentes uma da outra. A ciência inevitavelmente exerce alguma influência sobre a religião e a teologia. Esta abordagem sustenta que, depois de Galileu,⁷ Newton,⁸ Einstein⁹ e Da-

⁷ Galileu Galilei (1564-1642): físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, idéias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refrator e terá sido o primeiro a utilizá-lo para fazer observações astronômicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Isaac Newton (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16-11-2005 o Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein. Sobre Newton, em específico, o Prof. Dr. Ney Lemke proferiu palestra em 21-09-2005, intitulada *A cosmologia de Newton*. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Albert Einstein (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiada com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas idéias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista IHU On-Line, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*. A publicação está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do Simpósio Terra Habitável, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos

rwin, nossa compreensão de Deus não pode ser a mesma de antes. Embora o *método* científico não possa dizer nada sobre Deus, as descobertas científicas o podem. À medida que as descobertas científicas ampliam e aprofundam nossa compreensão da natureza, elas oferecem à teologia a oportunidade de ampliar e aprofundar sua percepção do Mistério divino. O confronto com a ciência, incluindo a evolução, é salutar para a fé e a teologia.

IHU On-Line - A Igreja não entendeu Copérnico. Ela entendeu Darwin? Por quê?

John F. Haught - Durante todos os séculos do cristianismo, é duvidoso que qualquer conjunto de ideias, inclusive as de Copérnico¹⁰ e Galileu, tenha desafiado a teologia ou perturbado os fiéis mais do que as ideias de Darwin. Assim, Darwin merece um convite para qualquer diálogo teológico sério, hoje mais do que nunca. Descartar sumariamente a evolução depois de dois séculos de pesquisa confiável por parte das ciências, desde a geologia até a genética, sobe a uma ignorância e arrogância que não ficam bem para pessoas de fé. As pessoas instruídas hoje em dia aceitam quase universalmente a versão darwiniana da evolução atualizada pela descoberta das unidades hereditárias chamadas de genes. Como todas as ideias científicas, a teoria está aberta para melhorias, mas até agora tem resistido a todos os testes. Só raramente você

participou, concedendo uma entrevista. (Nota do IHU On-Line)

¹⁰ **Nicolau Copérnico** (1473-1543): astrônomo e matemático polonês, além de cânone da Igreja, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Desenvolveu a teoria heliocêntrica para o sistema solar, que colocou o Sol como o centro do sistema solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica - o geocentrismo (que considerava a Terra como o centro). Essa teoria é considerada uma das mais importantes descobertas de todos os tempos, sendo o ponto de partida da astronomia moderna. A teoria copernicana influenciou vários outros aspectos da ciência e do desenvolvimento da humanidade, permitindo a emancipação da cosmologia em relação à teologia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16-11-2005 o Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein. Sobre Copérnico, em específico, o Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud, da PUC-Rio, proferiu palestra em 03-08-2005, intitulada *Copérnico e Kepler: como a Terra saiu do centro do Universo*. (Nota do IHU On-Line)

encontrará algum cientista dissidente aqui e ali que a rejeita, e a grande maioria das pessoas instruídas no mundo hoje em dia aceita a evolução, mesmo que nem sempre esteja contente com ela. Muitos teólogos cristãos – senão a maioria – também assentem à teoria. O mesmo se aplica aos clérigos que ocupam posições elevadas.

Metamorfose na teologia

Em 1996, o papa João Paulo II, por exemplo, observou que as provas em favor da evolução são fortes, e muitos outros líderes cristãos concordam. Mesmo que se tente, como muitos cristãos ainda fazem, escapar da mensagem de Darwin ou ignorá-la, sua visão revolucionária da vida acabará tendo que ser levada em conta em qualquer compreensão teológica realista de Deus, do mundo natural, da vida, da identidade humana, da moralidade, do pecado, da morte, da redenção e do sentido de nossa vida. Duvido que qualquer coisa faça o pensamento religioso parecer mais irrelevante, ou até repugnante, para pessoas cientificamente instruídas hoje em dia do que rejeição deliberada da biologia evolutiva, ou, no que diz respeito ao assunto, de quaisquer outras descobertas da ciência. Afinal, por que a teologia deveria ser considerada imune à transformação radical à luz de novas descobertas? Outras disciplinas, como a geologia, cosmologia, antropologia, psicologia, ciência da computação e medicina, já passaram por uma significativa reorganização na esteira dos achados de Darwin. Pode a teologia esperar de maneira realista que vá escapar de uma metamorfose semelhante?

IHU On-Line - Deus foi dado como morto por diversas vezes. Entre outros, os acusados pelo deicídio foram Nietzsche, Freud, Marx e Darwin. Por que há essa obsessão em se opor religião e a racionalidade moderna?

John F. Haught - O fundamento intelectual do novo ateísmo é a cosmologia filosófica moderna conhecida como *naturalismo científico*. Originalmente, o naturalismo científico significava um método de investigação que deixa de

fora qualquer referência a causas supernaturais. Mas agora ele se empederniu numa afirmação filosófica de que o mundo natural, incluindo os seres humanos e nossas criações, são literalmente tudo o que existe. De acordo com o naturalismo científico, não há criador divino, nem finalidade cósmica, nem alma, nem possibilidade de vida além da morte.

O naturalismo científico é produto de uma crença ainda mais fundamental, geralmente chamada de “cientificismo”. O cientificismo assevera que o método científico moderno é atualmente a *única* forma pela qual pessoas razoáveis que buscam a verdade podem adquirir um conhecimento acurado do mundo real. Como o expressa o evolucionista ateu Richard Dawkins:¹¹ “Pode ser que a humanidade jamais alcance o alvo da compreensão completa, mas, se conseguirmos isso, arrisco-me a fazer a previsão confiante de que será a ciência, e não a religião, que nos levará até lá. E se isto parece cientificismo, tanto melhor para o cientificismo.”

Contradição do cientificismo

Entretanto, estou convicto de que o cientificismo está em contradição consigo mesmo. O cientificismo diz que não aceita nada com base na fé, mas é preciso ter fé para adotar o cientificismo. Afinal, não há “prova” tangível ou empírica que pudesse, alguma vez, demonstrar que o cientificismo é verdadeiro. Ele tem de ser aceito com base numa fé. Não há experimentos científicos concebíveis que pudessem demonstrar que se possa confiar que só a ciência nos levará à verdade. Assim, por definição, é preciso rejeitar o cientificismo também, já que ele não pode ser provado cientificamente. Além disso, os ateístas modernos como Richard Dawkins não percebem que ninguém pode fazer ciência sem uma espécie de fé que não é plenamente distinguível da confiança religiosa. Por

¹¹ **Richard Dawkins**: nasceu em Nairobi em 1941 e educou-se em Oxford. Lecionou zoologia nas universidades da Califórnia e de Oxford. Em 1995, ocupou a então recentemente criada cátedra de Compreensão Pública da Ciência, também em Oxford. Ele é autor do importante livro *O gene egoísta* (Itatiaia Editora, 2001). (Nota do IHU On-Line)

“Descartar sumariamente a evolução depois de dois séculos de pesquisa confiável por parte das ciências, desde a geologia até a genética, sobe a uma ignorância e arrogância que não ficam bem para pessoas de fé”

exemplo: um cientista precisa ter a fé ou confiança tácita de que o universo é inteligível, de que vale a pena buscar a verdade e de que a mente humana tem uma integridade tal que pode entender e conhecer o mundo de modo verídico. Essas crenças são necessárias até mesmo para a ciência ter início, antes de mais nada. A ciência, como Albert Einstein era perceptivo o suficiente para perceber, não consegue sequer decolar sem fé.

Deus como “hipótese”, uma tolice

A maioria dos ateístas modernos não percebe que outras vias além do método científico são essenciais a fim de experimentar, entender e conhecer o mundo real. O conhecimento *interpessoal*, por exemplo, é necessário a fim de se deparar com a prova ou os indícios de que alguém ama você. Você não pode chegar ao conhecimento de outra pessoa através da via objetificante do experimento científico. Tratar outra pessoa meramente como mais um objeto da natureza é cognitivamente e moralmente errado. Encontrar-se com outra pessoa exige que você coloque de lado os métodos de controle e domínio da ciência. O mesmo se aplica às experiências estéticas. Também se aplica à experiência religiosa.

Assim, se um Deus pessoal de beleza infinita e amor irrestrito efetivamente existe, as “provas” da existência desse Deus não poderiam ser reunidas de maneira tão barata quanto as provas para dar sustentação a uma hipótese científica. Por esta razão, é tolice interpretar Deus como uma “hipótese” a ser estudada pela ciência, como exige Dawkins. Só uma espécie de prova não científica – uma espécie de prova que não podemos experimentar sem nos arriscar em

atos de confiança - pode nos levar a um encontro com as profundezas de outra pessoa. Seria isso diferente no caso de Deus, a quem as pessoas crentes experimentam não como um “isso” comum, mas como um “Tu” supremo?

Se existe um Deus pessoal, não seria uma espécie de experiência *interpessoal*, e não a objetividade impessoal da ciência, que nos levaria ao conhecimento desse Deus? Reunir as “provas” de que alguém ama você exige um salto de confiança de sua parte, uma aposta que torna você vulnerável ao tipo especial de ser e presença de uma pessoa. Além disso, o amor da outra pessoa captura você de tal maneira que você não pode se conectar com ele de modo algum se tentar controlá-lo cientificamente. Mais uma vez, haveria de ser diferente no caso de qualquer encontro concebível de pessoas humanas com uma fidelidade divina infinitamente pessoal?

É claro que não há nada de errado com a ciência, mas muitos ateístas crêem – e eu sublinho a palavra “crêem” – que a ciência é o único caminho que conduz à verdade. Não há prova científica que pudesse alguma vez demonstrar de modo concebível que essa crença é verdadeira. É por isso que eu digo que o cientificismo está em contradição consigo mesmo. A teologia, por outro lado, insiste que o encontro com a realidade divina não pode ocorrer sem passar por uma transformação pessoal. Como advertiu Jesus: “[...] se não vos converterdes e vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Mateus 18,3). Se o universo é cingido por um Amor infinito, o encontro com Deus exigiria nada menos do que tal abertura e humildade semelhante à que têm as crianças.

Religiões do Mundo | De 10-08-2009 a 08-10-2009

INFORMAÇÕES EM WWW.UNISINOS.BR/IHU

Ciência e espiritualidade

A noção de *homo sapiens* convida-nos a “romper com a antropologia dualista, que acompanhou e ainda acompanha a vida cristã. Ela é, portanto, um apelo a maravilhar-se diante da vida e a abrir-se para uma dimensão de responsabilidade”, escreve Jean-Michel Maldamé

POR JEAN-MICHEL MALDAMÉ | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER | FOTO DIVULGAÇÃO

Para o teólogo dominicano Jean-Michel Maldamé é possível conciliar fé e ciência. Seus pontos de vista são desenvolvidos no artigo a seguir, inédito, oferecido pelo autor para publicação na IHU On-Line. A versão completa do texto poderá ser conferida em breve no **Cadernos Teologia Pública**, publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Graduado em matemática, filosofia e teologia, é membro da Pontifícia Academia das Ciências desde 1997. Dirige o Instituto de Pesquisas Interdisciplinares para as Ciências, na França, e é especialista no diálogo entre fé e ciência. Publicou mais de dez livros, entre eles *En Travail D'enfancement: Creation Et evolution* (Paris: Aubin, 2000); *Cristo para o universo: fé cristã e cosmologia moderna* (São Paulo: Paulinas, 2005) e *Le Peche Originel: Foi Chretienne, Mythe Et Metaphysique* (Paris: Cerf, 2008). Confira o artigo.



Adão era um *homo sapiens*?

A questão: “Adão era um *homo sapiens*?” me foi proposta. Se a retomo, não se trata de um elo de provocação. Ela cruza dois registros de vocabulário e, por conseguinte, dois domínios do saber que mantém relações complexas no quadro do “diálogo ciência e fé”. Em primeiro lugar, a palavra hebraica *Adam* se refere à Bíblia, enquanto a expressão latina *homo sapiens* diz respeito à ciência. Além disso, a questão é colocada no passado e o emprego deste tempo remete à aparição da humanidade sobre a terra; ela convida a pôr face a face a visão científica que constata a emergência progressiva da humanidade no processo da evolução, de uma parte e, de outra, uma concepção da criação compreendida como uma nítida separação entre as espécies.

Esta confrontação não diz respeito somente aos importantes movimentos nos Estados Unidos e no Islã, do criacionismo ou fundamentalismo, mas à doutrina da Igreja católica e, em particular, o que diz o catecismo sobre o pecado original. Eu ousou colocar

a questão para convidar a revisitar a doutrina, deixando de impô-la como verdadeira por estipulação dogmática. Eu penso prestar serviço abordando esta questão de maneira frontal e sem rodeios. A questão não é circunstancial; a partir da questão da origem da humanidade se trata de sua identidade. Para conduzir esta reflexão, começarei por examinar o sentido dos termos bíblicos (em hebraico e em latim), para ver sua relação com a questão das origens da humanidade.

A teoria da evolução

A visão atual da vida é dominada por uma teoria científica que é expressa habitualmente como “teoria da evolução”. Ela dá uma visão que unifica os diversos domínios das ciências da vida: a genética, a biologia celular, a paleontologia e a fisiologia. Ela explica a unidade e a diversidade dos seres vivos como um todo coerente explicado pelas leis da biologia. Uma apresentação em arborescência delinea a história da formação dos entes vivos.

Segundo esta teoria, o ser humano é

situado nesta perspectiva de conjunto. A aparição da humanidade se inscreve no movimento de conjunto. Ela não é uma exceção, e *a fortiori* não constitui uma violência contra as leis da natureza; ela se inscreve na dinâmica de aperfeiçoamento que começa com formas elementares, complexificando-se pouco a pouco. Convém falar de emergência humana.

Homo sapiens

Depois de Aristóteles, há uns 2500 anos, e principalmente após Lineu no século XVIII, os cientistas têm o cuidado de classificar os viventes segundo uma nomenclatura estrita. Eles obedecem a uma regra precisa que vale para todas as definições: uma definição supõe a junção de dois termos: o primeiro é geral (ou genérico em ciências), o segundo é particular (ou específico em ciências). Assim, define-se um gato dizendo inicialmente que ele é um felino (o que o aproxima de um grande número de outras espécies como o tigre e o lince); especifica-se, a seguir, que ele é digitigrado (com

unhas retráteis) e que é um animal doméstico. A tradição científica propõe que a definição científica seja dada por um nome latino.

A expressão *homo sapiens* obedece a estas exigências. *Homo* designa o que é comum a diversas espécies e *sapiens* diz o próprio de uma só espécie. Vê-se, então, que o termo *homo* não pode ser traduzido por homem sem cometer um contra-senso. Com efeito, o termo “homem” no sentido comum do termo se refere somente à espécie humana; enquanto no quadro da ciência o termo *homo* se refere a várias espécies que tem como traço característico o andar ereto; sendo este signo ligado a vários outros: a liberação da mão, a primazia dada à face ou o desenvolvimento do crânio. Acrescentar o termo *sapiens* é, então, precisar o que é específico da humanidade: a palavra, o pensamento, o raciocínio que caracteriza o que se chama em latim um sábio [ou sabedor] (*sapiens*). Nos livros de ciências se diz igualmente “homem moderno” - não se diz mais o que é específico do ser humano, mas seu lugar na árvore evolutiva, no termo da história da vida¹.

A perspectiva da evolução é fundada na exigência expressa por um adágio aristotélico: *natura non facit saltus*, a natureza não dá saltos. Não há ruptura entre as etapas da história da emergência da humanidade. Por esta razão, o termo espécie mudou de sentido; fala-se de população para designar um conjunto de viventes reunidos por critérios biológicos, cujo primeiro critério é a interfecundidade.

A emergência do homem

O conhecimento científico se baseia em elementos diversos. Um ponto essencial é a descoberta dos fósseis. Ora, neste ponto a situação é paradoxal. Há ao mesmo tempo muitos e poucos fósseis. Há poucos fósseis, no sentido de que não se pode traçar de maneira contínua uma história da evolução que começou com os primatas há uns sessenta milhões de anos. Há muitos fósseis, no sentido de

¹ Esta apresentação deixa aberta a questão de saber se este lugar deve ser compreendido como um coroamento e um acabamento, introduzindo desta forma uma finalidade ou pelo menos a determinação de um sentido à árvore evolutiva. (Nota do autor)

que se encontraram abundantes fósseis (perto de 50.000) numa região da África, o que permite pensar que a humanidade nasceu num único lar, o vale do Omo e que ela se dispersou a seguir sobre a face da terra.

Pode-se, pois, dizer que há alguns milhões de anos teve lugar uma bifurcação, com uma ramificação que deu nascimento aos símios. Situam-se, então, populações sob o vocábulo piteco [ou pitecus], próximo do ancestral comum entre os humanos e os símios². Pode-se qualificá-los como pré-humanos. Eles formam uma família muito vasta, com formas diversificadas. Fala-se de australopiteco e depois de ardipiteco. Este último é um ente bípede e trepador. Foi destacado com a descoberta do crânio de Tomai, de uns sete milhões de anos, e é aproximado

“A questão permanece aberta: qual é o ancestral do gênero humano?”

da descoberta de fêmures de Aurorina, de seis milhões de anos.

A questão permanece aberta: qual é o ancestral do gênero humano? A história de Lucy é muito significativa. Em 1974 se encontrou uma parte importante do esqueleto (52 ossos sobre 206) que permitem notar seu bipedismo (com um caminhar diferente do nosso). No momento de sua descoberta ela foi considerada uma ancestral da humanidade; agora ela é situada num ramo divergente... Isto é expressivo da dificuldade fundamental de se traçar a emergência humana. A ciência é ciosa em dar conta da realidade; mas, sua visão muda segundo as descobertas.

O gênero *homo* é vinculado a uns dois ou três milhões de anos, período para o qual não se tem documentação fora da bacia do Omo. A explicação que é dada em função da teoria da evolução é vinculada à mudança climática que obriga

² Há 10 milhões de anos, há a *chorora pithecus*, *Nakidi pithecus* e 500 mil anos mais tarde o *Sambrun pithecus*, considerado como um primata pré-hominídeo. (Nota do autor)

as populações a se adaptarem e, em particular, a deixarem as árvores pela savana e, por isso, desenvolver outra maneira de viver e a privilegiar qualidades novas para sua estatura (posição ereta) e principalmente o desenvolvimento do cérebro, que é o critério retido para determinar o gênero *homo*.

A questão é aquela que nos veio da unidade dessas populações chamadas hominídeos - um modo de não se pronunciar sobre sua natureza. Com efeito, encontraram-se diversas famílias ditas *homo rudolfensis*, *homo habilis*... Vê-se aparecer também *homo ergaster*, *homo erectus*...

Destaco imediatamente que nestas designações há uma dificuldade: algumas são tomadas a partir de uma situação singular, um fóssil nomeado de maneira fantasista, segundo o momento ou o lugar... Há também um nome que realça a constituição física do indivíduo... Há ainda uma determinação segundo suas aptidões... Dizer *homo erectus*, *homo habilis*... é assumir determinações que não se referem ao mesmo campo semântico e se referem, então, a critérios diversos para julgar e classificar.

É seguro que a diversificação tem lugar segundo critérios que correspondem a todas as outras espécies de viventes: num isolamento as pressões obrigam a uma adaptação que se inscreve no quadro da teoria da evolução e que toma em conta a genética segundo um princípio de seleção, pelo qual o mais apto transmite à sua descendência os genes que favorecem sua sobrevivência em condições novas e de certa maneira produz uma especialização.

Se o resumo precedente dá a impressão de cair em incertezas, não é preciso entendê-lo como uma denegação do valor das descobertas. Elas não contrariam em nada a teoria da evolução: com efeito, elas se inscrevem nos seus métodos, princípios e regras científicas. É preciso lembrar-se que uma teoria não é um discurso acabado, mas antes um programa de pesquisa sempre aberto e acolhedor para a novidade. Dizer que não se sabe não é negar o valor da própria pesquisa, mas ter o cuidado de levá-la mais adiante. Reconhecer que ainda não se sabe traçar minuciosamente a árvore que vai

dos primatas ao *homo sapiens* não retira nada ao valor da visão atual. Suas linhas gerais se impõem.

O sentido literal do texto bíblico

Durante séculos se leu este texto como um relato histórico concreto; os conhecimentos da época, tanto históricos quanto geográficos, se ajustavam facilmente ao que é dito no relato. Os Padres da Igreja e os doutores medievais falavam, pois, de Adão e Eva como de dois ancestrais da humanidade, tão reais em sua existência quanto Davi e Betsabé, ou Salomão e a filha do faraó sua esposa. Com a descoberta da imensidão do mundo geográfico, da diversidade das populações humanas e, sobretudo, da geologia e depois da paleontologia, tal quadro não podia ser tido por verdadeiro. A exegese se deu conta que os primeiros capítulos do Gênesis não podiam ser lidos como informação sobre os ancestrais históricos da humanidade atual.

A questão foi claramente colocada desde as grandes descobertas dos séculos dezesseis e dezessete. Ela foi colocada mais radicalmente no decurso do século dezenove. A questão suscitou uma grave crise na consciência européia; ela se manifestou principalmente no século dezenove nas universidades européias; ela não permaneceu restrita ao círculo dos eruditos; ela entrou no vasto público e, em particular, no mundo católico em fins do século dezenove e no início do século vinte. O choque tem sido rude; os católicos tiveram a chance de ter podido se beneficiar do trabalho de grandes inteligências — como o Padre Lagrange — que introduziram exigências intelectuais para ler rigorosamente o texto bíblico e determinar seu sentido primário. Eles estudaram o sentido literal e mostraram que o mesmo estava aberto para interpretações simbólicas ou alegóricas.

É preciso lê-lo primeiramente em sua língua original e não somente em traduções. Esta exigência tem como corolário que, para ler inteligentemente um texto, é preciso também ter em conta o contexto histórico e cultural e então compará-lo com os

textos que lhe eram contemporâneos. É, pois, preciso situar o texto bíblico na literatura do Oriente Médio — uma imensa literatura que se descobriu a partir do século dezenove. Tal é o método histórico-crítico.

Mais ainda, a determinação do sentido de um texto supõe que seja preciso considerar a intenção do autor humano³. Quem fala e o que fala? Por que fala? O sentido literal do texto é, então, determinado por aquilo que se chama “gênero literário”; ou seja, um texto jurídico, um poema, um hino litúrgico, um relato histórico, uma mensagem profética, uma reflexão de um sábio... Cada gênero literário tem suas riquezas e seus constrangimentos que são as exigências internas da expressão humana. Assim, a análise ri-

**“Cada gênero literário
tem suas riquezas e seus
constrangimentos que
são as exigências
internas da expressão
humana”**

gorosa das primeiras páginas da Bíblia mostrou que o primeiro texto do Gênesis tinha sido escrito por sacerdotes ao modo de hino litúrgico e que o segundo texto havia sido escrito por um sábio procurando dizer por um mito a razão da beleza da vida e a dificuldade de viver. A palavra mito não tem nada pejorativo; o mito exprime que, para dizer uma verdade que ultrapassa a observação superficial, é preciso nomear a causa do que é proposto, pondo em cena figuras emblemáticas. Estas precisam ser compreendidas na ação; se forem fixadas numa representação isolada, elas se tornam absurdas. De

³ Isto se baseia na noção de inspiração. Segundo a doutrina católica, expressa claramente por santo Tomás de Aquino, a inspiração não é uma manipulação do ser humano por Deus para fazê-lo dizer o que ele não pensaria, pois Deus utiliza respeitosamente suas capacidades humanas e, portanto, os seus próprios conhecimentos. (Nota do autor)

fato, no relato há contradições: a geografia é imaginária, a serpente fala, a árvore do centro do jardim se dobra em árvore de vida e árvore do conhecimento do bem e do mal... Elas são sobrepostas quando se entra no movimento do texto. Este põe em cena dois personagens que tem um papel emblemático. Este fato é comum na Bíblia que apresenta patriarcas e matriarcas. Não são indivíduos isolados, mas figuras englobadoras para dizer que se trata de todo homem e toda mulher. Ora, isso não responde às questões levantadas hoje em dia pela paleontologia humana, nem pela teoria da evolução.

Vale o mesmo para o primeiro relato que não pode ser compreendido como a narração da formação dos elementos segundo aquilo que comumente se chama o *big bang*. Tendo, assim, liberado o pensamento do cuidado de fazer concordar os resultados da ciência com o texto bíblico, resulta haver uma relação entre os elementos. Com efeito, os resultados da ciência convidam a ver melhor qual é a história da origem da humanidade e então dar um novo sentido a afirmações antigas. É, pois, necessário ver agora qual tem sido a interpretação dos textos bíblicos no plano antropológico, antes de ver como essas interpretações levam a abrir novas perspectivas em antropologia.

Um enraizamento cósmico

O ente humano é constituído por elementos físico-químicos que são unidos numa célula, cuja organização forma os órgãos que constituem o vivente. Assim, em cada célula humana se encontra a memória de toda a evolução.

O que se passou há uns quatro bilhões de anos, quando as moléculas da vida se constituíram, o que se passou há uns três bilhões de anos nas células eucariotes, o que se passou quando a vida explodiu na multidão das formas vivas por ocasião da explosão no nascimento do cambriano, há uns quinhentos milhões de anos, não é coisa do passado sepultado no nada, mas antes presente no íntimo do ser humano. A constituição da atmosfera terrestre, que é fruto da própria vida, é um acontecimento que é estrutural para o

organismo humano. Da mesma forma, o que se passou com a aparição dos primatas há uns 60 milhões de anos não é estranho ao que é o homem hoje.

A história cósmica e biológica está inscrita no organismo de todo homo sapiens. A consideração do organismo humano mostra seu enraizamento numa dimensão cósmica, da qual ele é inseparável. Os Antigos o viam numa perspectiva de consumação e de produção. A visão histórica atual lhe acrescenta a dimensão constitutiva. O ser humano é uma realização eminente das possibilidades inscritas na matéria e nas estruturas que fazem a vida. Não é possível ver a humanidade separando-a de seu meio original.

A espécie *homo sapiens* está inscrita no mundo dos viventes pela maneira com a qual ela põe em obra as aptidões comuns a todos os viventes.

Aparece, então, que ela pode ser situada cientificamente numa escala de complexidade crescente, mas também de mais forte integração dos elementos constitutivos da vida. Isto aparece na estrutura do corpo. A tradição filosófica não o ignora. Basta ler o que Aristóteles dizia da mão, ou o que Cícero, inscrevendo-se na tradição estoíca, dizia da posição ereta. Mas, o que era encarado de maneira estática aparece melhor numa perspectiva dinâmica.

Para pensar este enraizamento, parece-me legítimo refletir sobre a formação do ser humano. Com efeito, a partir de uma primeira célula saída da fusão dos gametas no momento da concepção, um organismo se forma. As etapas da embriogênese mostram como a complexificação assume as riquezas do estado anterior.

O fim que esclarece o processo

Se a criação é obra de sabedoria, é preciso explicitar outra dimensão de toda a obra de sabedoria: o fim ou a realização de uma intenção. A noção de finalidade no sentido estrito foi excluída da explicação científica. Este afastamento era necessário para evitar certo número de ingenuidades. Ela também esteve fundada numa mudança da noção de movimento que está na base do pensamento científico. Mas, este interdito

não vale quando se entra em filosofia. Isto se dá em dois níveis.

O primeiro diz respeito à própria definição do vivente. O vivente é um ente unificado, ordenado, cuja construção e seu devir são finalizados pela constituição de um organismo. A embriologia o mostra claramente: uma célula se torna várias e depois deste conjunto não permanece passivamente um “amontoado de células”, ele se torna um organismo, um todo unificado e estruturado. Para expressá-lo, Jacques Monod introduziu o termo telenomia... Ele é fiel à tradição filosófica ocidental, enquanto Kant faz desta finalidade interna o específico do vivente.

O segundo nível de conceitualização é propriamente metafísico. Ele se refere, portanto, a um sentido mais amplo que se assume por analogia com a obra humana cujo modelo é o arquiteto. Ele realiza a construção começando por um projeto, um plano que é uma visão de conjunto direcionada para uma efetivação. Por analogia com esta maneira de fazer, a teologia fala da criação neste sentido: a temporalidade se desenrola para um fim... E este fim é a razão de ser do que advém. Assim, a antropologia bíblica não é primariamente uma consideração sobre o começo, mas uma atenção ao presente, compreendendo-o à luz da efetivação.

Na perspectiva escatológica assim desenvolvida, aparece que o crente pode, sem desespero, considerar que este desenrolar é um combate. O escândalo do mal é então enfrentado, de acordo com as proposições da teologia natural que contorna isto no discurso sobre a teodicéia. A frase do Gênesis, o homem criado à imagem de Deus, é entendida no sentido desenvolvido pelos Padres no seguimento de São Paulo: o homem é chamado a ser imagem da perfeita imagem de Deus, seu Filho eterno, o Logos encarnado, o Senhor ressuscitado. Assim, a semelhança com Deus é entendida em referência ao ressuscitado. Esta teologia é desenvolvida na liturgia pascal que celebra o ressuscitado: Imagem de Deus invisível, ele é o princípio e o fim de todas as coisas, ele é o Primogênito dentre os mortos, Cabeça do corpo que é a

Igreja salva pelo sangue de sua cruz. Assim, o enunciado teológico da salvação não está reservado ao imediato, mas assume uma dimensão universal no espaço e no tempo. Ele é carregado pela esperança.

Conclusão: o paradoxo humano

No termo desta clarificação, aparece que a questão “Adão [Adam] era um *homo sapiens*?” se inscreve no cerne das dificuldades da leitura da Bíblia para aqueles que assimilam os conhecimentos científicos atuais. Mas, a formulação da questão é inadequada, porque ela coloca o verbo no passado. Ela age como se *Adam* fosse um personagem do passado e dessa forma ela não respeita o sentido do primeiro relato do Gênesis [da Gênese] que designa pela palavra *Adam* todo homem de todos os tempos. Ela também não respeita a significação do segundo texto, no qual *Adam* não é o nome próprio do primeiro *homo sapiens*. É certo que o primeiro homem existiu, já que a humanidade vive. Se a ciência não chega a captá-lo com precisão é importante reconhecer que a Bíblia não foi escrita para atenuar esta ignorância.

A Bíblia foi escrita - é seu sentido literal - para expressar a situação da humanidade criada por Deus. Os textos bíblicos se referem ao presente. A humanidade é criada por amor, no bem; a humanidade tem a responsabilidade de fazer uso da liberdade. O sentido literal dos relatos bíblicos fundantes (o que o autor queria significar) não é o de dar uma prestação de contas descritiva da formação do mundo e da formação da espécie humana. Os Padres da Igreja e os grandes doutores estiveram atentos a bem outras riquezas do texto - que não estão indissociavelmente vinculados à sua visão do passado.

Sobre isso a ciência, como tal, não sabe nada! A noção de *homo sapiens* não o diz, mas ela não está fechada nesta perspectiva, ao contrário! Ela convida a romper com a antropologia dualista, que acompanhou e ainda acompanha a vida cristã. Ela é, portanto, um apelo a maravilhar-se diante da vida e a abrir para uma dimensão de responsabilidade.

Nos passos de Darwin

Uma trama ardilosa para desacreditar *A origem das espécies* foi criada logo após seu lançamento. Nélio Bizzo analisa essas invectivas e conta como foi percorrer trechos do mesmo caminho trilhado por Darwin nos Andes, em 1835, e pesquisar em seu arquivo pessoal

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO DIVULGAÇÃO

Percorrendo alguns trechos do caminho feito por Charles Darwin a bordo do Beagle, o biólogo Nélio Bizzo, docente na Universidade de São Paulo (USP), confessa o seu deslumbramento com os Andes, verdadeira “vitrine do passado geológico da Terra”. Assim como Darwin, Bizzo não conseguiu dormir na noite em que encontrou o Bosque Petreficado de Villavencio: “Um bosque em meio a um deserto! O que não deveria ter mudado a Terra para preparar aquele cenário tão incomum? E quanto tempo isso deveria requerer?”, pergunta-se na entrevista que concedeu, com exclusividade, por e-mail, à **IHU On-Line**. Ele analisa, ainda, os eventos que se seguiram a novembro de 1859, quando do lançamento de *A origem das espécies*. Em sua opinião, ocorreu uma “trama ardilosa para desacreditar Darwin diante do grande público”. As duas críticas sofridas por sua obra são tema constante da correspondência pessoal do cientista britânico: “Uma delas se referia ao tempo geológico e a outra se referia a uma hipótese sobre a evolução de certo grupo de vertebrados aquáticos”. Sobre esse tema Bizzo palestrará em 10-09-2009, no IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin, com o título *Duas críticas que mudaram o livro de Darwin: o dilema do tempo geológico*.

Graduado e mestre em Ciências Biológicas pela USP, cursou doutorado em Educação na mesma instituição. É pós-doutor pela Universidade de Leeds, Inglaterra, e livre-docente pela USP, com a tese *Meninos do Brasil: Idéias de Reprodução, Eugenia e Cidadania na Escola*. Escreveu *Ciências: fácil ou difícil?* (2. ed. São Paulo: Ática, 2000) e *Charles Darwin, do telhado dos Andes à Teoria da Evolução* (São Paulo: Editora Odysseus, 2002). Foi pesquisador do Manuscripts Room da Universidade de Cambridge, onde foi credenciado para pesquisar os manuscritos e a biblioteca pessoal de Charles Darwin. Entre março e abril de 2002, fez a travessia de Santiago (Chile) a Mendoza (Argentina), pelo Paso de los Libertadores, nos Andes, mesma trilha percorrida por Charles Darwin entre março e abril de 1835, a bordo do Beagle. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é o dilema do tempo geológico?

Nélio Bizzo - Trata-se de uma referência a um artigo clássico publicado há alguns anos (Burchfield, J.D., “*Darwin and the Dilemma of Geological Time*,” *Isis*, 1974, 64: 301-321.) no qual o historiador Joe Burchfield discutiu o assunto que tirou o sono de Darwin em seus últimos anos de vida. Darwin ficou inconformado com a acidez das críticas que seu livro *A origem das Espécies* recebeu e ficou francamente contrariado com elas. Uma das críticas se referia ao tempo geológico e à concepção de tempo profundo que ele expressou de maneira explícita

em seu livro. Sem dúvida alguma, Lord Kelvin¹ era o maior opositor de Darwin, e pregava uma matemática relativamente simples para calcular o tempo necessário para o esfriamento da Terra. No entanto, havia marcas evidentes de geleiras na geologia mais acessível ao grande público, o que configurava claramente um problema para seu opositor. Enfim, havia um dilema aí.

¹ Lord Kelvin (1824-1907): físico escocês de origem irlandesa. Criador da escala de temperaturas absolutas Kelvin. O nome deriva de seu título de barão Kelvin of Largs, outorgado pelo governo britânico em homenagem a sua descoberta, em 1892. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - E quais foram as duas críticas que mudaram o livro de Darwin?

Nélio Bizzo - Os eventos que se seguiram a novembro de 1859 mostram claramente uma trama ardilosa para desacreditar Charles Darwin diante do grande público. Duas críticas são citadas de maneira reiterada na correspondência pessoal de Darwin. Uma delas se referia ao tempo geológico e a outra se referia a uma hipótese sobre a evolução de certo grupo de vertebrados aquáticos. Darwin teve o mérito de apresentar um raciocínio transparente e inequívoco ao apresentar estimativas e hipóteses de maneira



“Percorri alguns dos trechos que Darwin percorreu e fiquei deslumbrado com os Andes. Eles são uma vitrine do passado geológico da Terra”

clara e que, dessa forma, as sujeitava a críticas. No entanto, elas se apresentaram muito exageradas, e ele decidiu fazer um recuo tático, sob meu ponto de vista, calculando meticulosamente a maneira pela qual o público poderia ser influenciado positivamente. Isso o levou a modificar a nova edição de *Origem das Espécies*, mesmo se sua correspondência pessoal demonstra que ele não tinha ficado convencido da propriedade (e mesmo da “sinceridade”) de algumas críticas.

IHU On-Line - Quais foram os aspectos mais significativos de ter participado da investigação dos arquivos de Darwin, no Manuscripts Room da Universidade de Cambridge?

Nélio Bizzo - Para mim foi uma sensação inesquecível, a começar pelo fato de eu ter recebido uma bolsa de estudos de uma entidade norte-americana, que queria ver o dinheiro gasto nos Estados Unidos. Foram-me oferecidas diversas possibilidades de trabalho com fac-símiles etc., mas relutei diante de um entendimento muito particular do que seja uma fonte primária. Não considero fontes primárias as fotografias que você pode ter acesso na internet, pelo menos em absoluta igualdade com o manuseio da própria fonte. Aliás, conversei sobre isso com um grande historiador que admiro muito, Peter Bowler,² que também compartilha essa ideia. É fundamental ter acesso às fontes históricas sem a intermediação que se vale de seleção e interpretação do que é importante e do que não é. Ao mesmo tempo, senti um peso muito grande da responsabilidade de lidar com material tão particular e pessoal. Era como mexer no armário de alguém que estava para chegar...

² Peter Bowler: historiador da biologia, escreveu extensamente sobre a história do pensamento evolucionista, a história das ciências ambientais e da genética. Atualmente, leciona na Queen's University Belfast. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - O que destacaria de sua viagem pela mesma trilha percorrida pelo Beagle?

Nélio Bizzo - Percorri alguns dos trechos que Darwin percorreu e fiquei deslumbrado com os Andes. Eles são uma vitrine do passado geológico da Terra. Ler suas cartas ao mesmo tempo em que via o que seus olhos tinham acabado de ver, me fez conferir um significado mais profundo às suas expressões que denotam algum excesso. Eu também não consegui dormir direito na noite do dia em que encontramos o Bosque Petrificado de Villavicencio! Um bosque em meio a um deserto! O que não deveria ter mudado a Terra para preparar aquele cenário tão incomum? E quanto tempo isso deveria requerer? São perguntas que não se pode deixar de fazer ao contemplar aquela imagem.

IHU On-Line - Quais são as principais ideias que traz em *Darwin: do telhado das Américas à teoria da evolução*?

Nélio Bizzo - O livro sai agora em segunda edição com título simplificado para *Darwin no Telhado dos Andes*, e com dois capítulos novos. O primeiro trata do percurso mental de Darwin para construir sua teoria e de sua forma inovadora de pensar a evolução biológica. Mas o outro capítulo novo se relaciona com sua namorada e a pergunta invariável que me fazem ao término de uma palestra. É quase impossível que deixem de me perguntar sobre Fanny Owen e seu paradeiro. Eu explico com detalhes e já adianto uma novidade: uma das primeiras coisas que Darwin fez ao chegar de volta à Inglaterra foi mandar flores para ela... em seu castelo! Ela estava grávida de seu terceiro filho com o “conde de Chirk”, como o chamava (jocosamente) o pai de Darwin. O Dr Robert Darwin, aliás, era o médico que cuidava da jovem mãe em seu castelo.

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE NO
ENDEREÇO WWW.UNISINOS.BR/IHU

PARTICIPE DO COLÓQUIO
INTERNACIONAL A ÉTICA DA
PSICANÁLISE: LACAN ESTARIA
JUSTIFICADO EM DIZER “NÃO
CEDAS DE TEU DESEJO”? [NE
CÈDE PAS SUR TON DÉsir]?
INSCRIÇÕES ABERTAS NO SITE
WWW.UNISINOS.BR/IHU.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana





UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



Teologia Pública

>> Dossiê especial *Caritas in veritate*

A IHU On-Line preparou para a edição desta semana um breve dossiê sobre a mais recente encíclica do Papa Bento XVI, intitulada *Caritas in Veritate*. Publicada no último dia 07 de julho de 2009, o documento é dedicado aos temas da economia, das finanças, do dinheiro e do trabalho. Comentam a encíclica o jesuíta Jean-Yves Calvez, o sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza, e o economista Plínio de Arruda Sampaio. Confira.

A encíclica de um Papa que confia na sociedade civil

Na opinião do jesuíta Jean-Yves-Calvez o princípio geral da nova encíclica de Bento XVI é de que “a economia necessita de ética”

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Desenvolvimento, meio ambiente, solidariedade internacional, situação demográfica do mundo, migrações, necessidade de ética na economia, necessidade de uma nova gestão dos recursos raros em benefício de todos, relação entre mercado e dom, fraternidade e revalorização do papel do Estado. Todos esses são temas discutidos na mais recente encíclica do Papa Bento XVI, intitulada *Caritas in veritate*. Após ler o documento, o padre jesuíta Jean Yves-Calvez aceitou responder algumas questões à IHU On-Line, por e-mail, onde escreveu que “tudo isto é (...) consequência da ‘crise’”, embora seja preciso observar, continua ele, “que a crise não é o tema central, como esperavam muitos (decepcionados?); é antes, por alusão, que isso entra em questão”. Para Calvez, todos os pontos levantados por Ratzinger nesta encíclica constituem “um encorajamento a tomar, sem hesitar, as medidas intervencionistas e corretivas que deveriam impedir o retorno de semelhantes crises”.

Jean-Yves Calvez é um jesuíta com uma trajetória de vida muito interessante e repleta de reflexão sobre os grandes problemas sociais da humanidade. Ele, profundo conhecedor do marxismo, é autor de uma obra clássica sobre *O Capital* de Karl Marx. É autor de inúmeros livros, entre eles, foram publicados no Brasil *A Economia, o Homem, a Sociedade* (Loyola, 1995) e *Política. Uma Introdução* (Ática, 1997). Calvez é um proeminente especialista no Ensino Social da Igreja. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as ideias centrais da nova encíclica de Bento XVI (*Caritas in veritate*)?

Jean-Yves Calvez - São tratados diversos temas. No início, pelo menos, o principal é o desenvolvimento. O que pode provocar surpresa, sabendo-se que a problemática globalização dos economistas liberais se desenvolveu,

com frequência, em contradição às políticas voluntaristas de desenvolvimento: era-lhes oposto o caráter automático dos avanços das economias sob o impacto da abertura das fronteiras. O papa rende ao desenvolvimento suas cartas de nobreza; ele revaloriza, aliás, a grande encíclica do desenvolvimento, a *Populorum*

progressio,¹ e seu autor, o Papa Paulo VI, muito pouco citado na época do pontífice precedente, João Paulo II. Boa nova, dizem os defensores do desenvolvimento. Seguramente há, a

¹ *Populorum Progressio*: encíclica do papa Paulo VI, intitulada *O Desenvolvimento dos Povos*, emitida na páscoa de 1967. Ela teve uma grande repercussão no mundo, especialmente, na América Latina. (Nota da IHU On-Line)

“Aqui o papa não se engaja no detalhamento de medidas precisas, que, de resto, não podem resultar de um mero reerguimento ‘moral’ dos homens. O princípio geral é, no entanto, nitidamente colocado, contra todos aqueles que gostariam de isolar a economia da moral: ‘A economia necessita de ética’”

seguir, toda uma série de outros assuntos: o meio ambiente, a solidariedade internacional (“a colaboração na família humana”), a situação demográfica do mundo, as migrações, a necessidade de ética na economia, a necessidade de uma nova gestão dos recursos raros em benefício de todos, dos mais pobres em particular. A relação entre mercado e “dom” (cap. III) é um tema que chama a atenção, associado à questão da fraternidade que pode e deve se desdobrar na sociedade civil, na qual o papa tem confiança, apoiando a revalorização do papel do Estado (“cuja função parece destinada a crescer”). Tudo isto é, poder-se-ia dizer, consequência da “crise”: e o é, indiscutivelmente, embora seja preciso observar que a crise não é o tema central, como esperavam muitos (decepcionados?); é antes, por alusão, que isso entra em questão. De outra parte, “o amor (a caridade) é tudo”, diz o papa, “na e segundo a verdade”, ou seja, segundo a estrutura das coisas e a natureza do homem; além da estrutura, o amor não é senão a lancinante dor “emocional”.

IHU On-Line - Qual a importância desta encíclica no contexto atual de crise econômica e social?

Jean-Yves Calvez - O relevo de todos os pontos que acabo de evocar é um encorajamento a tomar, sem hesitar, as medidas intervencionistas e corretivas que deveriam impedir o retorno de semelhantes crises. Mas isso não é dito com toda essa nitidez.

IHU On-Line - Que respostas a encí-

clica oferece para a crise moral da financeirização?

Jean-Yves Calvez - Aqui o papa não se engaja no detalhamento de medidas precisas, que, de resto, não podem resultar de um mero reerguimento “moral” dos homens. O princípio geral é, no entanto, nitidamente colocado, contra todos aqueles que gostariam de isolar a economia da moral: “A economia necessita de ética”.

IHU On-Line - Qual é a novidade que esta encíclica (*Caritas in veritate*) traz em relação à *Populorum Progressio*?

Jean-Yves Calvez - É claro que a nova encíclica trata dos problemas do desenvolvimento num novo contexto, justamente o da globalização - querendo isto expressar um contexto de espírito mais liberal do que do tempo da *Populorum progressio*, que torna provavelmente mais difícil precisamente a ação para o desenvolvimento. A nova encíclica fala também num contexto de escassez, muito sublinhado, pelo menos se tratando dos recursos energéticos - é verdade que o papa diz no mesmo instante: “Há lugar para todos sobre a terra...”.

LEIA MAIS...

>> Jean-Yves Calvez já concedeu outra entrevista à IHU On-Line.

Entrevista:

* *A análise marxista do capitalismo não caducou.* Publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 25-10-2006. Acesse em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=1194.

CONFIRA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO IHU NO ENDEREÇO
WWW.UNISINOS.BR/IHU.

A caridade na verdade: primeiras impressões

Autor de *Uma fé exigente, uma política realista* (Rio de Janeiro: Educam, 2008), o sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza analisou, a pedido da IHU On-Line, a encíclica *Caritas in veritate*, publicada por Bento XVI, na terça-feira, 07-07-2009. Para o autor, o texto é longo, repetitivo, “com a ânsia de tratar de tudo e com afirmações muitas vezes ditas de maneira absoluta”. Além disso, acrescenta, a encíclica “entra em contradição com a dimensão histórica referida anteriormente, e em casos como os da reprodução, apenas repete o tradicional”. A justificativa para tal modelo, assegura Gómez de Souza, “tem muito a ver com a maneira de pensar do atual papa, que tem horror aos riscos do relativismo e fica num plano teórico e doutoral, muito mais do que pastoral”.

Luiz Alberto Gómez de Souza é graduado em Direito, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pós-graduado em Ciência Política, pela Facultad Latino-Americana de Ciencias Sociales (Flacso), de Santiago do Chile, e doutor em Sociologia, pela Universidade de Paris Sorbonne Nouvelle. Atualmente, é diretor do Programa de Estudos Avançados em Ciência e Religião da Universidade Candido Mendes. De sua vasta obra bibliográfica, destacamos *A JUC: os estudantes católicos e a política* (Petrópolis: Vozes, 1984). Confira o artigo a seguir.

Esta encíclica de Bento XVI quer ligar-se diretamente à outra encíclica de Paulo VI, *Populorum Progressio*, de 1967, que considera a *Rerum Novarum* da época contemporânea e toda a primeira parte é dedicada a ela. Porém, não quer apenas repetir - ainda que o faça de maneira longa demais. Fala de “um único ensinamento coerente e simultaneamente novo” (12). Vê uma dimensão histórica no “patrimônio” da doutrina social da Igreja, para enfrentar novos problemas que não existiam ainda tão nítidos na fase imediatamente posterior ao Concílio Vaticano II. Nisso parece seguir a idéia do teólogo inglês J.H. Newman,¹ que o papa estima particularmente, sobre o desenvolvimento da doutrina, que se refaz no tempo e vai mudando. Assim há “coisas novas”: novo contexto econômico comercial e financeiro internacional, em grande crise em nossos dias (24), novos

problemas com os fluxos migratórios (21,62), mobilidade laboral associada à desregulamentação (25), aspectos novos do desemprego (25), o problema dos recursos energéticos não renováveis (49), a interação das culturas com a globalização (26). Indica como os estados-nação são ultrapassados por essa globalização. Na linha do que João XXIII² indicou na *Pacem in Terris*,³ acena para uma autoridade política mundial no futuro (67), na interdependência mundial (33), mas vê os riscos de novas formas de colonialismo e dependência (33) e o perigo de um poder universal monocrático, sem as dimensões da subsidia-

² Papa João XXIII (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da IHU On-Line)

³ *Pacem in terris*: Carta encíclica do Papa João XXIII a todos os homens e mulheres de boa-vontade, com uma mensagem de esperança. A *Pace in Terris* enuncia quatro critérios para uma sociedade em paz: verdade, justiça, amor e liberdade. Trata-se de quatro valores tão essenciais que constituem não somente os sinais que nos permitem reconhecer uma sociedade realizada, mas também os quatro princípios que sustentam o edifício da paz. A revista IHU On-Line já abordou esse tema na edição número 53, datada de 31 de março de 2003, com o título *40 anos depois: Pacem in terris*. (Nota da IHU On-Line)

riedade, da descentralização e da democracia (57). Refere-se a um quadro de desenvolvimento policêntrico, onde pode crescer a riqueza, mas aumentam as desigualdades (22).

Um documento contraditório

É um longo documento, muitas vezes repetitivo e exageradamente referido a outros atos do magistério dos últimos papas, de leitura necessariamente lenta, com a ânsia de tratar de tudo e com afirmações muitas vezes ditas de maneira absoluta. Entra em contradição com a dimensão histórica referida anteriormente, e em casos como os da reprodução, apenas repete o tradicional. Talvez isso se deva à inversão que propõe entre caridade e verdade. São Paulo, na Epístola aos Efésios, fala de “verdade na caridade” (Ef. 4,15): seria na relação entre as pessoas que iria se desocultando a verdade. Bento XVI vê a relação em sentido contrário, a caridade brotando de uma verdade que lhe é anterior e de certa maneira fixa. Isso vai dificultar o diálogo com não católicos, ao qual nos referiremos mais adiante e há uma dimensão de certa onipotência, num magistério mais inclinado a saber do que a escutar. Isso tem muito

¹ John Henry Newman (1801-1890): bispo anglicano inglês, convertido ao catolicismo, foi posteriormente nomeado cardeal pelo Papa Leão XIII, em 1879. Estudou no Trinity College de Oxford e no Oriel College. Depois de sua conversão ao catolicismo, abriu e dirigiu em Birmingham um oratório de São Felipe Néri e foi reitor da Universidade Católica da Irlanda, em 1854. Confira no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) algumas notícias sobre Newman, inclusive o processo de beatificação. (Nota da IHU On-Line)

a ver com a maneira de pensar do atual papa, que tem horror aos riscos do relativismo e fica num plano teórico e doutral, muito mais do que pastoral.

Talvez tivesse sido melhor um texto mais curto, com interrogações abertas e pistas de ação nesse campo da justiça social e da caridade, de fácil acesso às comunidades cristãs. Mas isso é um hábito neste tipo de documento e inclusive nas “orientações” dos episcopados. Particularmente, este papa fala mais como teólogo do que como pastor.

Polêmicas

Na área da sexualidade e da reprodução repete o que vem de Paulo VI na *Humanae Vitae* e de João Paulo II.⁴ Tem uma atitude de defesa diante das “delicadíssimas” questões de reprodução in vitro, clonagem, eutanásia, investigações com células-tronco (51) e uma crítica, com certa dose de razão, ao hedonismo e à sexualidade apenas como fonte de prazer (44). Mas também, na linha que percorre todo o documento, de não querer simplificar, poderia ter, além disso, se referido aos aspectos positivos do prazer e da sexualidade amorosa como alteridade.

Indica que a Igreja não tem soluções técnicas, mas aponta orientações e tenta iluminar a realidade (13). Nesse sentido, em frases às vezes perdidas num contexto demasiado totalizador, traz afirmações interessantes. Assim, vai valorizar a sociedade civil (24) e tem parágrafos muito ricos sobre o dom e a gratuidade: “O ser humano está feito para o dom, que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência” (34).

Também se refere à saúde ecológica da terra (32) e à democracia econômica (38). Indica que, mais além da relação privado e estatal, há experiências de economia solidária na sociedade civil (39), que chama de “organizações produtivas que perseguem fins materialistas e sociais”, além de lógica do lucro (38). Insiste numa orientação personalista e comunitária (42) e me faz pensar aí em

Emmanuel Mounier.⁵

Religião

Ao mesmo tempo em que fala de um “humanismo cristão” e da necessidade de toda a realidade estar iluminada por Deus, vai reconhecer que “outras culturas e outras religiões ensinam a fraternidade e a paz”, criticando ao mesmo tempo o sincretismo e as crenças mágicas (55). Mas, o que é importante, chama a “unir esforços com todos os homens e mulheres de boa vontade de outras religiões e não crentes” (57).

Há uma interessante observação entre razão e fé: “a razão sem a fé está destinada a perder-se na ilusão da própria onipotência, enquanto a fé sem razão corre o risco de alheamento da vida concreta das pessoas” (74).

Alternativa ao capitalismo

Vale notar que em nenhum momento se refere ao sistema capitalista, mas aos problemas mais fundamentais do mercado, que para Bento XVI tem elementos positivos e negativos: “deixado unicamente ao princípio da equivalência do valor dos bens trocados, o mercado não consegue gerar coesão social” (35). Também afirma que não existe o mercado em estado puro (36). Mas um mercado que só busca o lucro e aumenta as desigualdades não está na lógica do capitalismo atual? Como ir além, na busca de outras relações de produção que não as do sistema vigente? Talvez o documento considere que isso são indicações técnicas e queira ficar ao nível das grandes orientações. Mas é interessante que se coloca, na prática, em direção contrária a uma teologia da prosperidade, das raízes do capitalismo e de uma mentalidade neoliberal.

Fala em evitar mecanismos funestos de uma civilização tecnológica globalizada. Insiste no princípio da subsidiariedade, que percorre todo o ensinamento social da Igreja, muito importante nestes tempos de mundialização, onde há que

5 Emmanuel Mounier (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa *Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária*. (Nota da IHU On-Line)

saber articular o local e o global. Vê as relações humanas em analogia com a Trindade, na unidade de um só Deus e na dimensão de relação entre as pessoas trinitárias.

Enfim, garimpando o texto, encontramos elementos bastante relevantes. Faltaria, como disse antes, ao lado dele, um documento mais ágil, pastoral e curto, que levasse esse ensinamento e linhas de ação às comunidades dos fiéis, para não ficar circunscrito aos especialistas. E os não católicos precisariam sentir que são realmente chamados ao “acordo entre crentes e não crentes” (79) e não postos diante de um discurso já pronto e totalizante. Nestes tempos de transição histórica, de novos paradigmas, de mudanças profundas e de um necessário pluralismo, essa atitude e esse estilo seriam da maior importância.

LEIA MAIS...

>> Gómez de Souza já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Na página do IHU (www.unisinos.br/ihu), nas **Notícias do Dia**, podem ser conferidos vários artigos do pesquisador.

Entrevistas:

- *A redescoberta de Gramsci*. Publicada na edição número 231, de 13-8-2007, intitulada Gramsci, 70 anos depois. Acesse em http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_destaque_sem_ana&Itemid=24&task=lista&idedit=11;
- *Com Lula, onde ele estiver*, publicada em 19-8-2006. Disponível em http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=737;

Artigos:

- *Fé e Política. Os debates arejam e ajudam a precisar posições*. Publicado em 22-1-2008 e disponível em http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=11784;
- *“Dai a César o que é de César...” Fé e Política em discussão*. Publicado em 4-1-2008 e disponível em http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=11538;
- *Uma prece a São Francisco: solidários com os pobres e livres dos fundamentalismos religiosos e ecológicos*. Publicado em 15-12-2007 e disponível em http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=11353;
- *O protagonismo popular na América Latina ameaça as elites classistas*. Publicado em 10-12-2007 e disponível em http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=11234;
- *“O que fazer com eles?” A violência que gera mais violências*. Publicado em 15-2-2007 e disponível em http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=4761.

Mais do mesmo?

“ **A**s medidas sugeridas fazem parte do receituário destinado a fazer a economia capitalista funcionar”, diz Plínio de Arruda Sampaio à **IHU On-Line**, referindo-se a encíclica *Caritas in veritate*, publicada pelo Papa Bento XVI na última semana. Crítico ao texto, o economista enfatiza que “nada é dito a respeito da necessidade de superar o modo de produção capitalista, cuja lógica interna é o fator determinante da crise”.

Para ele, a Igreja católica não tem liberdade para fazer os apontamentos descritos na encíclica. E justifica: “Só poderá adquiri-la, quando surgir um Papa capaz de pôr em prática o conselho de Dom Hélder Câmara a Paulo VI: ‘Livre-se do Vaticano, entregue-o para a Unesco e vá morar, como São Pedro, na periferia de Roma.’” O artigo a seguir foi produzido com exclusividade para a **IHU On-Line** desta semana, e expressa a opinião do economista e do *Correio Cidadania*, onde atua como diretor.

Plínio de Arruda Sampaio é graduado em Direito, pela Universidade de São Paulo. Participou da Ação Popular, organização católica com orientação de esquerda. Foi relator do projeto de Reforma Agrária, que integrava as Reformas de Base do governo João Goulart. Criou a Comissão Especial de Reforma Agrária e propôs um modelo de reforma que indignou os grandes latifundiários do Brasil. Obteve o título de mestre em Economia Agrícola, nos Estados Unidos, onde se exilou durante a ditadura. Ao retornar ao Brasil, se engajou na campanha pela abertura do regime militar e pela anistia dos condenados políticos. Filiou-se ao PT em 1980, onde foi autor do estatuto do partido. Em 2005, desligou-se do PT e aderiu ao PSOL. Confira o artigo.

As encíclicas são preparadas pelos assessores do Papa, obviamente, segundo suas instruções. *Caritas in veritate*, a recente encíclica de Bento XVI não foge a esse modelo. O texto evidencia que os assessores econômicos do Papa não ultrapassaram o “main stream” das análises voltadas para defender o capital nestes tempos de aguda crise econômica mundial.

As medidas sugeridas fazem parte do receituário destinado a fazer a economia capitalista funcionar. Nada é dito a respeito da necessidade de superar o modo de produção capitalista, cuja lógica interna é o fator determinante da crise e, portanto, dos sofrimentos que a Encíclica aponta.

Encíclicas são cartas que o Papa envia aos cristãos e não cristãos de todo o mundo, expondo a doutrina social da Igreja, chamadas de “encíclicas sociais”. Elas fazem parte de um longo processo de reconciliação do Vaticano com o mundo que surgiu da Revolução Francesa. Trata-se de reparar — aos pouquinhos e cautelosamente — os estragos que furibundas encíclicas como

“*Caritas in Veritate* é um passinho a mais nessa sequência de encíclicas iniciadas com a *Rerum Novarum*, em 1891”

Mirari Vos,¹ *Syllabus*,² *Quanta Cura*, *Pascendi Domini*³ causaram no relacionamento da Igreja com a república burguesa, com a classe operária e com a sociedade moderna.

Caritas in Veritate é um passinho a mais nessa sequência de encíclicas iniciadas com a *Rerum Novarum*, em 1891.

1 *Mirari Vos*: encíclica do Papa Gregório XVI, sobre os principais erros de seu tempo (até 1832). Foi promulgada em 15 de agosto de 1832. (Nota da **IHU On-Line**)

2 *Syllabus*: encíclica do Papa Pio IX, sobre a condenação de muitos erros como o panteísmo, o indiferentismo religioso, o socialismo, o comunismo e o laicismo. (Nota da **IHU On-Line**)

3 *Pascendi Domini*: encíclica do Papa São Pio X, de oito de setembro de 1907. A encíclica trata das doutrinas modernistas. (Nota da **IHU On-Line**)

Porém, não mais do que isso. A linguagem continua prolixa e ambígua; a idéia de “cristandade” subjaz tanto ao diagnóstico como às recomendações.

Mas, pelo menos, contém críticas ao egoísmo das nações desenvolvidas; às leis de proteção da propriedade intelectual; ao abandono das redes de proteção social. E tem também o mérito de não incluir, como as encíclicas precedentes, nenhuma condenação explícita do socialismo e do comunismo.

Neste sentido, tendo em vista as últimas posições da Igreja vaticana, a encíclica constitui um avanço. Falta, porém, avançar muito mais para libertar essa fala do Papa das limitações impostas pelas “razões de Estado” e, portanto, possibilitar um dizer mais claro, menos prolixo e menos cheio de circunlóquios, a respeito das causas dos males que aponta. Pobreza, fome, epidemias, corte nos direitos trabalhistas, pressões econômicas sobre os países subdesenvolvidos, poluição do meio ambiente — todos esses males são causados pela lógica do sistema do capital e não serão abolidos apenas com apelos à generosidade das pessoas.

“Contém críticas ao egoísmo das nações desenvolvidas; às leis de proteção da propriedade intelectual; ao abandono das redes de proteção social. E tem também o mérito de não incluir, como as encíclicas precedentes, nenhuma condenação explícita do socialismo e do comunismo”

A Igreja vaticana não tem liberdade para dizer essa verdade. Só poderá adquiri-la, quando surgir um Papa capaz de pôr em prática o conselho de Dom Hélder Câmara⁴ a Paulo VI:⁵ “Livre-se do Vaticano, entregue-o para a Unesco e vá morar, como São Pedro, na periferia de Roma”.

4 Dom Hélder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernane Pinheiro. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Hélder Câmara – o santo rebelde*. (Nota da IHU On-Line)

5 Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

>> Plínio de Arruda Sampaio já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na página eletrônica do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Entrevistas:

- *Movimentos sociais e criminalização: “Quando acende uma luz vermelha é preciso procurar a causa do problema”*, publicada em 25-7-2008. Disponível em http://www.unisinos.br/_ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=15486;
- *“Lula tem uma possibilidade longínqua de topar um confronto com a direita; Alckmin, não”*, publicada em 27-10-2006. Disponível em http://www.unisinos.br/_ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=1243.

LEIA MAIS...

>> O sítio do IHU publicou um amplo material antes e depois da publicação da encíclica *Caritas in veritate*. Confira algumas notícias.

- *A encíclica social que liberta o pensamento*. Publicada em 10-7-2009, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23819;
- *A primeira encíclica social de Bento XVI foi publicada nesta manhã*. Publicada em 7-7-2009, disponível no endereço http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23732;
- *A encíclica e as sementes do pós-catolicismo*. Publicada em 6-7-2009, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23699;
- *Chaves de leitura da encíclica de Bento XVI*. Publicada em 4-7-2009, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23637;
- *“A economia solidária entra na encíclica do Papa”*. Publicada em 2-7-2009, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23575;
- *A crise muda a encíclica*. Publicada em 1-7-2009, disponível no endereço eletrônico http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23549;
- *Ao antecipar nova encíclica, Bento repete discurso sobre ‘ditadura do relativismo’*. Publicada em 1-7-2009, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23552;
- *Papa Bento XVI assina encíclica sobre globalização*. Publicada em 30-6-2009, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23538;
- *A encíclica atrasada: culpa do latim*. Publicada em 28-6-2009, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23465;
- *A crise inspira nova encíclica*. Publicada em 26-6-2009, disponível no endereço http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23404;
- *Uma encíclica do Papa contra paraísos fiscais*. Publicada em 16-6-2009, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23105.

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU: ECOS DE DARWIN,

QUE ACONTECE DE 9 A 12 DE SETEMBRO.

FAÇA SUA INSCRIÇÃO AGORA: WWW.UNISINOS.BR/IHU.

Terra Habitável

Revolução verde: uma promessa fracassada

A revolução verde conseguiu, com a promessa de erradicar a fome, atingir um bilhão de famintos no planeta, diz o ecologista Carlos Vicente

POR PATRÍCIA FACHIN | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

“Temos uma história de 10 mil anos de agricultura, e os agrotóxicos foram introduzidos nos últimos 60 anos como parte de um modelo agrícola que busca mercantilizar nossa alimentação para engordar corporações”, diz o ecologista Carlos Vicente, da revista *Biodiversidad*, uma publicação da ONG Grain. Segundo ele, é possível manter a agricultura sem a utilização de agrotóxicos, e o segredo é simples: “desmantelar o poder que as corporações adquiriram para recuperar o controle dos povos sobre a agricultura e a alimentação”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Vicente apresenta a realidade dos agricultores do Cone Sul e afirma que a revolução verde iniciada nos anos 1960 e acentuada na década de 1990 tem tornado o trabalhador rural “cada vez menos importante”. Com o avanço da transgenia e dos agrotóxicos, “os trabalhadores rurais se veem expulsos de seus territórios para ir engrossar as zonas de pobreza das grandes cidades”, informa. Os que permanecem no campo, acrescenta, “se veem permanentemente agredidos pelos riscos que envolvem ter de lidar com esses tóxicos ou ser literalmente fumigados em suas moradias pelas fumigações aéreas massivas que abrangem milhões de hectares no Cone Sul”.

Grain é uma ONG internacional dedicada à promoção do manejo e do uso sustentáveis da biodiversidade agrícola, baseados no controle dos povos sobre os recursos genéticos e o conhecimento tradicional. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor acompanha os trabalhadores rurais. Em que sentido o avanço dos agrotóxicos tem mudado a vida dessas pessoas?

Carlos Vicente - O uso intensivo de agrotóxicos hoje em dia está inserido em um modelo de agricultura industrializada que inclui, além do uso de maquinaria pesada, a monocultura, a utilização de sementes transgênicas e a produção de commodities, para a qual o trabalhador rural é cada vez menos importante, já que a tendência é a de reduzir de maneira significativa a utilização de mão-de-obra. Por esse motivo, os trabalhadores rurais se veem expulsos de seus territórios para ir engrossar as zonas de pobreza das grandes cidades.

Os que ficam no campo se veem permanentemente agredidos pelos

riscos que envolvem ter de lidar com esses tóxicos ou ser literalmente fumigados em suas moradias pelas fumigações aéreas massivas que abrangem milhões de hectares no Cone Sul.

Obviamente, quem está se vendo dramaticamente afetado por essa “chuva de agrotóxicos” são os agricultores rurais que tentam continuar com suas produções e estilo de vida nas proximidades desses “territórios do agronegócio”, já que suas produções agrícolas, seus animais e sua saúde estão profundamente afetados por essa agressão contínua. O mesmo ocorre com famílias que vivem na periferia das cidades, na proximidade com as zonas onde essas monoculturas se impuseram.

IHU On-Line - Quais são as alternati-

vas aos agrotóxicos?

Carlos Vicente - Com certeza existem alternativas. De fato, temos uma história de 10 mil anos de agricultura, e os agrotóxicos foram introduzidos nos últimos 60 anos como parte de um modelo agrícola que busca mercantilizar nossa alimentação para engordar corporações. Hoje em dia, dispomos dos conhecimentos, da tecnologia e das capacidades para produzir alimentos para toda a humanidade sem utilizar agrotóxicos. É preciso não esquecer que a promessa das duas revoluções verdes – a dos anos 1960 com as monoculturas e a dos anos 1990 com os transgênicos – de resolver o problema da fome no mundo foi o que nos levou a um planeta que, neste ano, superou, pela primeira vez, um bilhão de famintos.

IHU On-Line - A utilização das substâncias químicas cresceu em todo o mundo. Essa perspectiva tende a aumentar? Que ações são necessárias para bloquear a utilização dos agrotóxicos?

Carlos Vicente - Enquanto continuar crescendo na agricultura e na produção de alimentos, em nível mundial, o controle corporativo, continuará aumentando a utilização de agrotóxicos. É por meio deles que as grandes corporações obtêm uma parte importante de seus ganhos.

É muito claro que é possível reverter esse processo, e o segredo é um só e é simples: dismantlar o poder que as corporações adquiriram para recuperar o controle dos povos sobre a agricultura e a alimentação. Claro que, enquanto os governos continuam sendo reféns do poder corporativo, esse desafio se mostra muito difícil de ser obtido.

Nesse sentido, a Soberania Alimentar, exigida e proposta pela Via Campesina, é a resposta a qual centenas de movimentos sociais de todo o continente se somaram. Hoje, o grande desafio é que a Soberania Alimentar mantenha seu poder transformador e não seja esvaziada de conteúdo pelo seu uso em um discurso que não implique em políticas explícitas de instrumentalização.

IHU On-Line - Notícias denunciam mortes, enfermidades e êxodo rural no Paraguai, devido à expansão do plantio de soja e o uso de agrotóxicos. Como o senhor percebe essa situação? O que se pode esperar da América Latina, enquanto maior território produtor de grãos?

Carlos Vicente - Tanto no Paraguai como na Argentina, na Bolívia, no Brasil e no Uruguai, nos territórios dominados pela monocultura da soja, que a Syngenta¹ batizou sem nenhuma ironia de República Unida da Soja, o drama das monoculturas é uma realidade esmagadora que já não pode ser ocultada e que, dia-a-dia, soma mais vozes à

¹ **Syngenta:** líder mundial na área de agribusiness. A companhia ocupa a terceira posição no ranking do mercado de sementes de alto valor. (Nota da IHU On-Line)

sua denúncia e à sua resistência.

IHU On-Line - Que perspectiva o senhor vislumbra para os trabalhadores rurais em longo prazo, no continente, considerando a perspectiva de incentivo às grandes monoculturas e ao uso intenso de venenos?

Carlos Vicente - A única perspectiva possível é a do crescimento do tecido de resistência das organizações camponesas e locais de denúncia para conseguir transformar essa realidade e conquistar as mudanças possíveis para que o tecido do agronegócio seja dismantelado (incluindo o poder dos grandes donos de terra da região), e seja recuperado um tecido social e produtivo centrado no bem comum.

IHU On-Line - Quais são os maiores riscos para as populações expostas aos agrotóxicos?

Carlos Vicente - Os riscos que os agrotóxicos implicam para as famílias rurais pela sua exposição contínua são problemas de saúde agudos (doenças respiratórias, lesões na pele, infecções gastrointestinais etc.) e problemas crônicos que, em muitos casos, são visualizados depois de anos de exposição. Os casos de câncer crescentes em todas as comunidades rurais e nas periferias das cidades, as gravidezes interrompidas e os nascimentos de crianças com má formação são a forma mais brutal em que esse genocídio do agronegócio se expressa.

Há centenas de espaços em que as denúncias das comunidades e as organizações da sociedade civil estão multiplicando as denúncias. Em www.biodiversidadla.org tentamos fazer eco a todas essas lutas.

LEIA MAIS...

Sobre os temas abordados nessa entrevista, confira outras edições da IHU On-Line.

Edições:

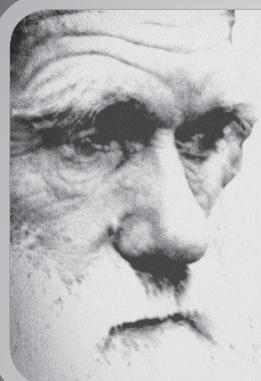
- *Agrotóxicos. Remédios ou veneno?* Uma discussão. Edição número 296, de 8-6-2009;
- *A crise alimentar. Por um novo modelo de produção.* Edição número 258, de 19-5-2008;
- *O Pampa e o monocultivo de eucalipto.* Edição número 247, de 10-12-2007.

PARTICIPE DO IHU IDEIAS.

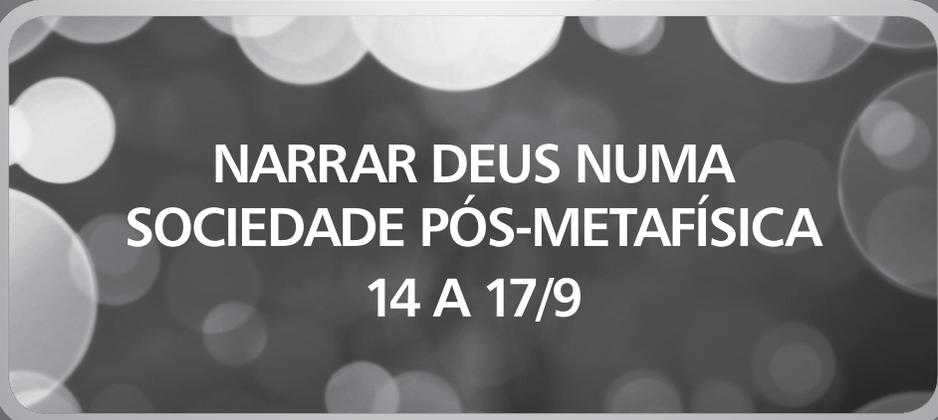
NAS QUINTAS-FEIRAS, DAS 17H30MIN ÀS 19H, NA SALA 1G 119 - IHU.



**EM SETEMBRO, O INSTITUTO
HUMANITAS UNISINOS - IHU -
TRAZ DOIS GRANDES
SIMPÓSIOS INTERNACIONAIS.**



**ECOS DE DARWIN
9 A 12/9**



**NARRAR DEUS NUMA
SOCIEDADE PÓS-METAFÍSICA
14 A 17/9**

Informações e inscrições: www.unisinos.br/ihu



Destques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 07-07-2009 a 10-07-2009.

A verdadeira face do fumo.

Entrevista com Guilherme Eidt

Confira nas Notícias do Dia 07-07-2009

Coordenador da Aliança para Controle do Tabagismo no Brasil e mestre em Direito, nosso entrevistado fez duras críticas e revelações sobre a realidade da cultura do fumo no Brasil. Segundo ele, “A face mais perversa da fomicultura é o emprego de mão-de-obra infantil associado ao empobrecimento das famílias e ao uso extensivo do trabalho familiar no cultivo do tabaco.”

A escola pública brasileira: uma realidade dura.

Entrevista com Roberto de Leão

Confira nas Notícias do Dia 08-07-2009

Segundo o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, a escola pública brasileira passa por uma enorme dificuldade e “se sustenta hoje muito mais pela solidariedade dos profissionais da educação que atuam nela, do que por conta das políticas públicas que deveriam fazê-la funcionar direito”.

Honduras. Por uma Constituinte e o fim das Forças Armadas.

Entrevista com Peter Marchetti

Confira nas Notícias do Dia 09-07-2009

O teólogo estadunidense nos traz um relato emocionante sobre a realidade atual em Honduras, que vive, desde o fim do mês de julho, uma ditadura militar. “Estou escrevendo isso enquanto as lágrimas correm pela minha face, choro por meu povo, porque parece que não temos saída”, relatou ele.

“O conceito da Internet é liberador”.

Entrevista com João Bittencourt

Confira nas Notícias do Dia 10-07-2009

O professor de comunicação digital e jogos digitais dissertou sobre como a Internet tem transformado nossa relação com o mundo e a sociedade de hoje. Para ele, a rede mundial de computadores “muda fortemente nossa sociedade, nossos valores e nosso comportamento de uma forma radical. As redes sociais são meramente mais um modismo tecnológico deste universo em rede. A libertação está no protagonismo do sujeito”.

Aviso

As *Notícias do Dia* não foram atualizadas de 11 a 13 de julho, ou seja, sábado, domingo e segunda-feira, respectivamente. A atualização não foi feita porque estivéssemos de férias. O problema foi técnico, portanto, totalmente fora da alçada do IHU.

Lamentamos o ocorrido e agradecemos a compreensão de todos e todas.

**Leia as Notícias
do Dia em
www.unisinos.br/ihu**



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



IHU Repórter

João Batista Cichero Sieczkowski

POR PATRÍCIA FACHIN | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Por trás da personalidade introvertida, séria – recebida de herança dos descendentes poloneses –, e do jeito cauteloso de expor as ideias, existe um filósofo preocupado com o futuro do planeta e com a falta de valores éticos entre as pessoas. Um homem sensível, espontâneo, que muito tem a ensinar sobre alguns dilemas da existência humana. Professor do curso de graduação em Filosofia, João Batista Cichero Sieczkowski leciona na Unisinos há 18 anos e durante esse período ficou conhecido, entre outros motivos, por defender o ceticismo. Hoje, aos 48 anos, mais reflexivo, ele vive um momento novo: está redescobrando Deus e amadurecendo sua fé.

Na entrevista a seguir, ele reflete sobre o passado e propõe discussões filosóficas que perpassam o dia-a-dia de todos nós. Confira.

Origens - Sou de origem polonesa. Meu avô nasceu em Varsóvia, na Polônia. Ele foi fundador do Zequinha, time de futebol do São José, que tem as cores azul e branca. Minha mãe é natural de Uruguaiana e meu pai, de Porto Alegre. Sou o oitavo de nove filhos. Nós morávamos na capital gaúcha, na Vila Assunção, próximo à antiga barca do Guaíba. Tenho cinco irmãs – uma já faleceu – e três irmãos. Duas irmãs e um irmão foram afetados pela fenilcetonúria, sendo que uma apresenta mais sequelas. Na infância, nós saíamos para jogar futebol num campinho próximo de casa. Começávamos a jogar às 8 horas da manhã e ficávamos na rua até as 19h. Fomos educados na tradição católica, e sempre comemorávamos o Natal. Lembro que minha mãe preparava uma ceia farta; tinha comida para uns três dias.

Quando menino, estudei em colégios estaduais e cursei no Anchieta somente a segunda série do primário, onde meu pai foi professor por algum tempo. Ele também lecionou Matemática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) até se aposentar.

Juventude - Estudei para ser ir-

mão religioso. O interesse surgiu porque sempre gostei de viajar. Eu queria sair de casa e não sabia bem como. Na época, estudar em Santa Catarina era uma novidade apesar de a vida no seminário ser totalmente regrada. Tive a oportunidade de morar em São Paulo e Curitiba. Por outro lado, como fui bastante moleque na infância, me dei conta de que o seminário não era o melhor lugar para mim, pois tinha dificuldade de me adaptar às regras, embora fosse bastante tranquilo e o gosto por estudar favorecia toda a atividade introspectiva.

Família - Casei em 1985. No ano seguinte, nasceu meu primeiro filho, Balthazar, e em 1989, a Izadora. Os dois estudam na UFRGS. Ele cursa Engenharia Civil e ela, Letras. Eles, como qualquer um que não nasceu em berço de ouro, lutam obstinadamente para conseguir um lugar no mercado. Isso não é fácil, porque o desemprego é uma realidade que persegue a todos nós. Minha esposa, Sonia Rosane Netz, é funcionária de uma instituição financeira e cursou o mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, na Unisinos. Ela muito desejou dar aula, mas não

conseguiu realizar a sua vontade. Eu amo a minha família e sempre procurei dar-lhes atenção.

Filosofia - Em 1980, fiz o noviciado e os votos temporários. No ano seguinte, iniciei a graduação em Filosofia, na Universidade Católica do Paraná. Como gostei muito do assunto, abandonei o seminário para me dedicar aos estudos filosóficos e me transferi para a UFRGS. Fiz mestrado e doutorado na área, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Trajectoria acadêmica - Ingressei na Unisinos em 1990 e trabalhei na universidade até 1991. Retornei mais tarde como professor de Filosofia, na época em que Benno Dischinger era chefe do departamento. Também lecionei por oito anos no La Salle. Sou professor na graduação e gosto de sala de aula, do contato com o aluno, de ter a oportunidade de persuadi-lo e de ser persuadido pela juventude deles. Sinto, porém, que a sala de aula é pouco valorizada. Essa é uma das consequências do constante processo de desumanização que ocorre em nossa profissão de professor. Formalizamos

demais o ensino e a relação aluno-professor. Temos que parar um pouco a nossa correria do dia-a-dia e começar a ouvir mais os nossos alunos como pessoas humanas. Não temos que escutar o nosso aluno apenas quando se trata de avaliação. Ela quase sempre é um processo doloroso para o professor e para o aluno. Não há avaliação que seja justa.

Unisinos - Tenho saudades da época em que a Unisinos tinha 17 mil alunos. Antigamente, os professores saíam juntos para conversar, contar piadas, e isso nos unia. Conhecíamos o jeito de cada um, nos compreendíamos mais e os coordenadores também entendiam melhor o nosso lado humano. Hoje, essa relação poderia ser melhor. Percebo que as atividades são mais formais, os professores se encontram apenas em reuniões. Claro que há a necessidade de se adaptar ao mercado, mas tenho saudades de um período em que a universidade era mais humana. Não sei se isso foi esquecido ou se estou velho mesmo. Penso que a Unisinos tem condições de preservar mais o lado humano de cada um de nós. Nesse sentido, o IHU é uma excelente alternativa.

Vi a universidade crescer no âmbito tecnológico, se expandir e ser reconhecida nacionalmente. Gosto disso, porque junto com outros professores, faço parte dessa história.

Ceticismo - Perdi a crença em Deus quando saí do seminário. Fui cético por 20 anos. De um tempo para cá retornei para Deus e tenho certeza de que isso é importante. Em palavras não posso traduzir toda a trajetória de vida que tive, mas foi uma experiência que mexe com a minha mente e meu coração. Eu retornei e me sinto bem. Aprendi a conviver com meus limites e a ver que temos muitas boas coisas ainda para aprender, que religião não é algo que podemos deixar de lado, isto é, descartá-la simplesmente por questões culturais, por exemplo.

Deus - Precisamos negar Deus em algum momento da vida; a natureza humana é assim. Durante um tempo

nos voltamos contra o mundo, contra as instituições, e depois retomamos um pensamento mais reflexivo e nos compreendemos em relação ao próprio mundo. No entanto, me pergunto se a evolução humana está criando seres melhores ou se estamos caminhando para o apocalipse, para um fim que foge completamente de nosso controle. A humanidade está evoluindo para melhor? As pessoas têm resistência de acreditar em Deus, porque isso exige submissão. Elas pensam que essa submissão está tirando a autonomia e a liberdade delas. Ninguém gosta de ser submisso e para ter uma religião, é preciso ser submisso a Deus. Hoje sou luterano e acredito na justificação pela fé. A justificação pela fé é aceitar ser submisso à palavra de Deus. Isso faz parte do aprendizado do modo de vida do cristão. É isso que estou começando

“Olho com bastante tristeza aquele período de ceticismo. Acho que perdi alguns anos da minha juventude”

a aprender. O que reparo é que a maioria das pessoas tem dificuldades ou não quer se comprometer em confessar a sua fé publicamente. Talvez consigam somente dentro de uma igreja.

Fé - Quando temos o primeiro contato com Deus, não estamos maduros; a fé também é uma questão de amadurecimento. Tenho 48 anos, mas na juventude professava o ceticismo. Obviamente ali existia uma imaturidade e uma resistência de querer conhecer Deus. No momento em que me dispus e me dei conta de que não posso eliminar a crença da minha vida, comecei a amadurecer na minha fé. Não completei esse processo, vou até o fim da vida.

Olho com bastante tristeza aquele período de ceticismo. Acho que perdi alguns anos da minha juventude. A pior dor que sinto é pensar que desvirtuei algumas pessoas. Professor tem

uma responsabilidade muito grande ao ensinar o aluno. Desse tempo ainda derramo algumas lágrimas.

Mudança - Acredito que as pessoas mudam em suas vidas. Elas procuram, com a idade, serem mais coerentes. A conversão é um nome que damos a essa mudança. Da mesma forma que estalamos um dedo, a conversão também é algo que acontece. Não sei explicar como, mas sinto que se operou algo internamente.

Lazer - Comecei a me dedicar ao estudo da Teologia. Meu hobby preferido é caminhar e ouvir música – os dinossauros também aprendem a mexer em mp3. Meus filhos me ensinam a trabalhar com as novas tecnologias. Na minha juventude, a grande novidade era a separação entre os canais estéreo e mono, a eletrola, o disco vinil (bolachão). Escrever, para mim, é também um lazer. Gosto de escrever e refletir sobre os encontros e desencontros em minha vida. Gosto muito de fotografia e de fotografar lugares, prédios históricos e paisagens.

Homem - O choque do homem com a tecnologia da máquina é uma das coisas que me preocupa. Como podemos falar de valores humanos se tendemos a fazer do comportamento humano o comportamento de uma máquina?

Antigamente, tínhamos a religião de onde podíamos retirar os nossos valores. Com a negação sistemática da religião como um valor em si mesmo, nos afundamos em um relativismo cultural. De onde tirar valores que sejam universais? Não tem de onde tirar, logo, se nega a existência de valores que sejam universais. Daí a crise ética passa pela seguinte questão: de onde podemos forjar os nossos valores?

Pergunto para meus alunos de onde eles irão tirar os valores. A ética deles não é mais universal, é relativa, individualista. Eles se sentem perdidos porque não sabem a quem recorrer. Por esse motivo, a revista **IHU On-Line** precisa ser lida, pois passa valores adiante.

Religião e política - Quando era cé-



>> JOÃO BATISTA COM A ESPOSA

tico, transferi meu ideal religioso para a política. Isso ainda é muito comum. As pessoas substituem um pelo outro. Na segunda fase da vida tudo isso começa a ser desfeito: não temos mais a religião e a política não responde aos nossos anseios.

Poder - Temos uma tendência forte a rechaçar Maquiavel. Acompanhei a trajetória de Lula desde a fundação do PT. Percebi que o discurso do partido era um antes de assumir o poder e se tornou outro depois. Eles se deram conta de que algumas coisas não são possíveis de serem feitas e outras não podem ser feitas, ou seja, existe uma estrutura que vai muito além do próprio partido. Todo governante que chega ao poder fica subjugado a essa estrutura. A dívida externa foi uma bandeira muito forte do PT. Hoje, praticamente não se fala desse assunto. Será que não devemos para mais ninguém? Por que se fala na internacionalização da Amazônia? O que se faz hoje para melhorar as condições dos trabalhadores? A questão é que, quem tem o poder não é um partido e nem mesmo alguma instituição. O poder é uma superestrutura que se gera por si mesma e é independente da vontade humana. O poder é o produto de uma natureza humana decaída. O poder é maléfico, mas é desejado por todos. Quem renuncia

ao poder por ideal de vida? Diria que ninguém, porque nós achamos que tendo poder nós não nos corromperíamos e conseguiríamos realizar os mais puros ideais. Essa é uma ilusão que nos acompanha. Por que não podemos abdicar de receber poder e realizar esses mesmos ideais humanos? Já ouvi dizer que cada homem tem o seu preço.

Pela perspectiva humana, o homem dificilmente vai abrir mão da ganância e do poder. Quando um governante quer conduzir as atividades à sua maneira, ele é caracterizado como ditador.

Mau ou bom - O homem é mau por natureza. Ser bom é ser contra a própria natureza humana. O homem é avarento e ganancioso. Precisamos ir contra a nossa inclinação, esse é o exercício da vida. Daí vem aquele dito de Paulo: “O que quero ser, não consigo. O que não quero fazer, faço.” É claro que precisamos viver em sociedade, daí vejo a necessidade de um princípio: se não tenho razões para desconfiar da conduta de alguém, devo agir sem preconceito. Somente se alguém lhe decepcionou alguma vez é que sua desconfiança poderia ser justificada. Para o cristão o ônus é maior. Ele deve agir como se nada tivesse ocorrido, de forma desinteressada (altruísmo). Enfim, ele deve perdoar.

Religião - A religião é algo humano, mas se sou cristão preciso acreditar em Ressurreição. Ela é o pilar. Quando acreditamos na Ressurreição, começamos a fazer o bem, porque desejamos levar o outro para um lugar melhor. É claro que Freud disse: “A religião é uma ideia concebida pela cabeça do homem”. Esse é um bom caminho para quem quer ser cético. A resposta última está dentro de cada um.

Morte - Acredito que a morte deve ser a experiência mais fascinante que vamos viver, porque somos nós e mais alguém, ou seja, Deus. A morte é um momento privado. Cada um terá de fazer a escolha de aceitar ou a ideia de que somos apenas uma “lâmpada” que

se apaga na morte ou que há algo além e melhor para nós. A religião nos ajuda a fazer essa opção. Geralmente olhamos a morte como um sofrimento físico. A minha luta constante – e acredito que a de Paulo também foi – é contra o ceticismo.

Filósofos - A posição de negar Deus é muito mais cômoda. As coisas não precisam ser postas para discussão. Os filósofos fazem isso, propõem uma posição cômoda. Eles são racionais, tentam explicar tudo. Quando descobrem uma veia racional, se agarram a ela. Eles substituem Deus. Penso que a melhor posição é a altruísta, ou seja, a atitude de fazer as coisas desinteressadamente, sem almejar uma recompensa, com o objetivo único de ajudar o outro. Se não ajudarmos o próximo, não somos candidatos a chegar a um lugar melhor. O que entendo então por filosofia? A filosofia é uma atividade humana que exige de nós uma atitude perante o mundo e perante nós mesmos. O segundo ponto hoje é o menos pensado. Não quero dizer que a filosofia sirva para resolver problemas existenciais. Não. A filosofia levada às últimas consequências é ceticismo. Ninguém encontra a razão de sua vida na filosofia.

IHU - Os jovens se voltaram contra a religião e não tiveram nada para pôr em seu lugar, ou seja, a ética não substitui a religião. Pelo contrário, a religião está muito além da ética. Aliás, a ética precisa da religião. Nesse sentido, o IHU tem colaborado para mostrar às pessoas o quanto é importante não só o autoconhecimento, mas o conhecimento do outro, da diversidade. Quando as pessoas começam a acreditar em algo, mudam interiormente, necessitam que outras pessoas também acreditem no que ela acredita. Observando o IHU, começo a reparar que existem pessoas que acreditam também no que eu acredito. Isso é bonito e importante. Na medida em que o outro compartilha a mesma crença, a gente não se sente mais sozinho.

Destaques

Narrar Deus no horizonte do niilismo

No próximo dia 13 de agosto estará na Unisinos o filósofo francês **Paul Valadier**, especialista em Nietzsche, internacionalmente reconhecido. Ele proferirá a conferência *Narrar Deus no horizonte do niilismo*. A conferência, uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, constitui-se num pré-evento do **Simpósio Internacional Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades**. O simpósio realizar-se-á nos dias 14 a 17 de setembro. Para a conferência do dia 13 de agosto, as vagas são limitadas. Por sua vez, as inscrições para o Simpósio Internacional estão abertas. Para se inscrever, usufruindo de um bom desconto, entre no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). Lá estão todas as informações.

Colóquio Internacional A Ética da Psicanálise

Ainda no mês de agosto de 2009 será realizado o **Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?** O evento será realizado nos dias 14 e 15-08-2009, no Auditório do Ministério Público, em Porto Alegre, e estará sob a responsabilidade de Charles Melman, William Richardson, Martine Lerude e Mario Fleig. A promoção é da Association Lacanienne Internationale, de Paris; do Instituto Humanitas Unisinos - IHU; do Laboratório de Filosofia e Psicanálise, ligado ao PPG em Filosofia da Unisinos; da Escola de Estudos Psicanalíticos, de Porto Alegre; e da Fundação Escola Superior do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Mais informações estão disponíveis no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Conferências simultâneas do Simpósio Narrar Deus

Dentro da programação do X Simpósio Internacional IHU: **Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades**, na tarde do dia 15 de setembro de 2009, ocorrerão as conferências simultâneas. São elas: *As narrativas de Deus e as questões de linguagem a partir de Wittgenstein*, com o Prof. Dr. **Luigi Perissinotto**, da Università Ca' Foscari di Venezia - Itália; *O Livro de Deus na obra de Dante - Uma releitura na Baixa Modernidade*, com o Prof. Dr. **Marco Lucchesi**, da UFRJ; *As possibilidades e/ou impossibilidades das narrativas de Deus, hoje. Uma reflexão a partir da teologia contemporânea*, com o Prof. Dr. **Degislando Nóbrega de Lima**, da UNICAP; *Narrativas de Deus, e a transcendência hoje: uma abordagem a partir da psicanálise*, com o Prof. Dr. **Benilton Bezerra Junior**, da UERJ; e *Narrativas de Deus nos estudos acadêmicos*, com o Prof. Dr. **José Rogério Lopes**, da Unisinos. Acesse o sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) e obtenha mais informações.

IHU Contracapa


UNISINOS

Apoio:




INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS